



Sociedade das Ciências Antigas

—
Martinesismo,
Willermosismo,
Martinismo e
Franco-Maçonaria
—

Papus

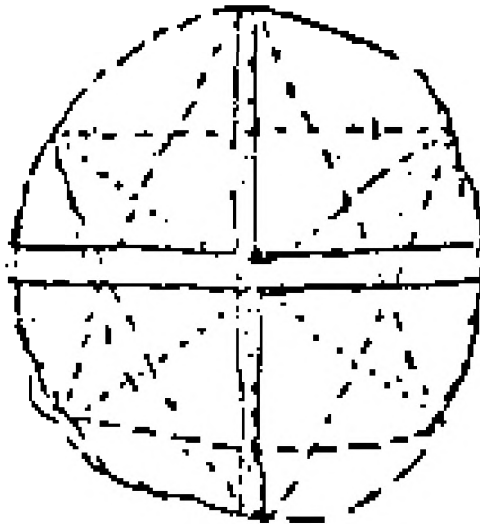


Sociedade das Ciências Antigas

**MARTINESISMO, WILLERMOSISMO,
MARTINISMO E
FRANCO-MAÇONARIA**

POR

PAPUS



TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS:

**"MARTINÉSISME, WILLERMOSISME, MARTINISME ET
FRANCO-MAÇONNERIE"**

EDITADO POR LUCIEN CHAMUEL EM 1899

ÍNDICE

NÚMERO	HISTÓRICO	PÁGINA
INTRODUÇÃO		5
CAPÍTULO I	Os Iluminados, Swedenborg, Martinez e Willermoz	5
1.	Os Iluminados Cristãos	5
1.1	A Rosa-Cruz	5
1.2	Swedenborg	6
2.	Os iluminados	7
2.1	O Martinesismo	7
2.2	O Willermosismo	10
2.3	Os Conventos	11
CAPÍTULO II	Saint-Martin, Martinismo e Franco-Maçonaria.	
1.	Louis Claude de Saint-Martin e o Martinismo	12
1.1	Ligação de Saint-Martin com os Ensinamentos de Martinez de Pasqually	13
1.2	A iniciação Martinista, seu Caráter	14
A	Fogo, Sofrimento	14
B	Caráter Essencialmente Cristão do Martinismo	14
C	O Martinismo é Cristão, mas seu Espírito é Anticlerical	16
D	A Prática, os Seres Astrais	16
1.3	Saint-Martin e Cagliostro	16
A	Cagliostro	16
2.	Martinismo e Materialismo	17
3.	Saint-Martin e a Franco-Maçonaria	18
4.	Opiniões sobre o Martinismo	19
4.1	Opinião de Joseph de Maistre	19
4.2	Balzac e os Martinistas	20
5.	União dos Martinistas e dos Rosa-Cruzes	20
CAPÍTULO III	O Martinismo Contemporâneo	20
1.	Filiação Martinista: Saint-Martin, Chaptal e Delaage	21
2.	Sociedade Astronômica da França	21
3.	Características do Martinismo Contemporâneo	23
4.	Os Adversários do Martinismo e Suas Objeções	24
4.1	Os Materialistas	24
4.2	Os Clérigos	25
4.3	Luz Astral Significa Luz da Terra	26
4.4	Os Adversários do Cristo	26
5.	Lugares onde o Supremo Conselho da Ordem Martinista é oficialmente representado por seus Delegados Gerais e suas Lojas	27
6.	Órgãos da Ordem Martinista	28
7.	Afiliações da Ordem Martinista	28

CAPÍTULO IV	A Franco-Maçonaria	28
1.	Martinismo e Franco-Maçonaria	28
2.	A Franco-Maçonaria desde sua criação até 1789	29
2.1	O Grande Oriente e suas origens	29
2.2	A Enciclopédia	30
2.3	O Rito Templário e o Escocismo	32
3.	A Franco-Maçonaria de 1789 a 1898	32
3.1	Histórico	33
3.2	O Escocismo	34
3.3	O Rito de Misraim	36
3.4	O Grande Oriente e o Escocismo	36
4.	Os Graus Maçônicos, constituição progressiva dos 33 graus do Escocismo	40
4.1	A Chave dos graus simbólicos	40
A	Aprendiz	40
B	Companheiro	41
C	Mestre	41
4.2	Contribuição dos graus Templários, Ramsay	42
4.3	O Rito de Perfeição	44
A	Análise de seus graus	44
B	A Rosa-Cruz Maçônica	45
C	Escocismo, Razão de ser de seus nove graus, Iluminismo, Reintegração e Hermetismo	48
5.	Resumo geral e recapitulação dos graus Maçônicos	50
6.	Dos símbolos e de sua tradução	53
7.	Grito de alarme	54
CONCLUSÃO		55

PAPUS

MARTINESISMO, WILLERMOSISMO, MARTINISMO E FRANCO-MAÇONARIA

Contendo um resumo da história da Franco-Maçonaria até 1899 e uma análise nova de todos os graus do Escocismo, ilustrado com inúmeros quadros sintéticos.

“Os profanos não vos lerão, a não ser que sejais claro ou obscuro, prolixo ou sintético. Somente os **HOMENS DE DESEJO** irão ler os vossos escritos e aproveitarão vossa luz. Dai-lhes essa luz tão pura e revelada quanto possível.”

Louis Claude de Saint-Martin

INTRODUÇÃO

Muitos erros foram cometidos em relação ao Movimento Martinista; muitas calúnias foram proferidas contra seus fundadores e suas doutrinas, o que torna necessário elucidar alguns pontos de sua história, esclarecendo os objetivos deste movimento, estabelecendo a diferença entre ele e os propósitos das diversas sociedades que se ligam a um simbolismo qualquer.

Para que todo membro da Ordem e todo pesquisador consciencioso possa destruir definitivamente tais calúnias, iremos expor de modo imparcial os diferentes aspectos que o Movimento Martinista conheceu, e que podem enquadrar-se em quatro grandes períodos:

- a-) O Martinesismo de Martinez de Pasqually;
- b-) O Willermosismo de Jean-Baptiste Willermoz;
- c-) O Martinismo de Louis Claude de Saint-Martin;
- d-) O Martinismo contemporâneo (fim do século XIX).

CAPÍTULO 1

OS ILUMINADOS, SWEDENBORG, MARTINEZ E WILLERMOZ

1. OS ILUMINADOS CRISTÃOS

1.1 A ROSA-CRUZ

É impossível compreender a essência do Martinismo de todas as épocas, se antes não estabelecermos a diferença fundamental existente entre uma Sociedade de Iluminados e a Maçonaria. Uma Sociedade de Iluminados liga-se ao Invisível por um ou por vários de seus chefes. Seu princípio de existência tem sua origem em um plano supra-humano; toda sua organização

administrativa se faz *de cima para baixo*. Os membros da fraternidade obedecem a seus chefes, obrigação que se torna ainda mais importante à medida que os membros entram no círculo interior.

A Maçonaria não está ligada ao Invisível por nenhum vínculo. Seu princípio de existência tem sua origem em seus membros e em nada mais. Toda sua organização administrativa se faz de *baixo para cima*, com seleções sucessivas por eleição.

Infere-se disso que esta última forma de fraternidade nada pode produzir para fortificar sua existência a não ser cartas constitutivas e papéis administrativos, comuns a toda sociedade profana; enquanto as Ordens de Iluminados baseiam-se, sempre, no Princípio do Invisível que as dirige.

A vida privada, as obras públicas e o caráter dos chefes da maioria das fraternidades de Iluminados demonstram que esse Princípio Invisível pertence ao plano Divino, sem relação alguma com Satã ou com outros demônios, como insinuem os clérigos, assustados com o progresso dessas sociedades.

A Fraternidade de Iluminados mais conhecida, anterior a Swedenborg, a única da qual se pode falar no mundo profano, é a dos *Irmãos Iluminados da Rosa-Cruz*, cuja constituição e chave serão dadas dentro de alguns anos. Foram os membros dessa fraternidade que decidiram criar sociedades simbólicas, encarregadas de conservar os rudimentos da Iniciação Hermética, dando nascimento aos diversos ritos da Franco-Maçonaria. Não se pode estabelecer nenhuma confusão entre o Iluminismo, centro superior de estudos Herméticos, com a Maçonaria, centro inferior de conservação, reservado aos debutantes. Somente entrando nas Fraternidades de Iluminados, podem os Franco-Maçons obter o conhecimento prático desta Luz, quando então sobem de grau em grau.

1.2 SWEDENBORG

Através dos esforços constantes dos Irmãos Iluminados da Rosa-Cruz, o Invisível concedeu um impulso considerável à Humanidade, através da iluminação de Swedenborg, o célebre sábio sueco.

A missão de realização de Swedenborg consistiu basicamente na constituição de uma cavalaria laica do Cristo, encarregada de defender a idéia cristã, dentro de sua pureza primitiva, e de atenuar, no Invisível, os deploráveis efeitos das corrupções, das especulações de fortuna e de todos os processos caros ao “Príncipe deste Mundo”, realizados pelos Jesuítas, sob as cores do Cristianismo.

Swedenborg dividiu sua obra de realização em três seções:

- Seção de ensinamento, constituída por seus livros e pelo relato de suas visões;
- Seção religiosa, constituída pela aplicação ritualística de seus ensinamentos;
- Seção encarregada da tradição simbólica e da prática, constituída pelos graus iniciáticos do Rito Swedenborgiano.

Esta última seção nos interessa mais particularmente no momento. Ela foi dividida em três seções secundárias: a primeira era elementar e maçônica; a segunda preparava o recipiendário para o Iluminismo; a terceira era ativa.

A primeira seção compreendia os graus de Aprendiz, Companheiro, Mestre e Mestre Eleito; na segunda tínhamos os graus de Aprendiz Cohen (ou Mestre Eleito Iluminado), Companheiro Cohen e Mestre Cohen; na terceira, os graus de Mestre Cohen (destinado à realização elementar, ou Aprendiz Rosa-Cruz), Cavaleiro Rosa-Cruz Comendador, Rosa-Cruz Iluminado ou Kadosh (Mestre Grande Arquiteto).

Observa-se que os escritores maçônicos, entre outros, Ragon, não tiveram sobre o Iluminismo senão informações de segunda mão e não puderam fornecer os dados que hoje apresentamos, nem ver a chave da passagem de uma seção à outra, pelo desdobramento do grau superior de cada seção.

Observa-se, além disso, que o único verdadeiro criador dos altos graus foi Swedenborg, que esses graus ligam-se exclusivamente ao Iluminismo e foram diretamente hierarquizados e constituídos por Seres Invisíveis. Mais tarde, falsos maçons procuraram apropriar-se dos graus do Iluminismo e não conseguiram senão expor sua ignorância.

Com efeito, posse do grau de Irmão Iluminado da Rosa-Cruz não consiste na propriedade de um pergaminho ou de uma faixa sobre o peito; prova-se somente pela aquisição de *poderes espirituais ativos*, que o pergaminho e a faixa apenas podem indicar.

Ora, entre os iniciados de Swedenborg, houve um a quem o Invisível prestou assistência particular e incessante, um homem dotado de grandes faculdades de realização em todos os planos. Esse homem, Martinez de Pasqually, recebeu a iniciação do Mestre em Londres, sendo encarregado de difundi-la na França.

2. OS ILUMINADOS

2.1 O MARTINESISMO

Foi graças às cartas de Martinez de Pasqually que pudemos fixar a ortografia exata de seu nome, estropiado até então pelos críticos¹; foi ainda graças aos arquivos que possuímos e ao apoio constante do Invisível, que logramos demonstrar que Martinez não teve jamais a idéia de transportar a Maçonaria aos “princípios essenciais”, que sempre desprezou, como bom Iluminado que foi. Martinez passou metade de sua vida combatendo os nefastos efeitos da propaganda sem fé desses pedantes de lojas, desses pseudo-veneráveis que, abandonando o caminho a eles fixado pelos **Superiores Incógnitos**, quiseram tornar-se pólos no Universo e substituir a ação do Cristo pelas suas e os conselhos do Invisível pelos resultados dos escrutínios emanados da multidão.

Em que consistia o Martinesismo? Na aquisição pela pureza corporal, anímica e espiritual, dos poderes que permitem ao homem entrar em relação com os Seres Invisíveis, denominados anjos pela Igreja, chegando não somente a sua reintegração pessoal, mas também à reintegração de todos os discípulos de vontade.

Martinez fazia vir à sala de reuniões todos os que lhe pediam a luz. Traçava os círculos ritualísticos, escrevia as palavras sagradas, recitava suas orações com humildade e fervor, agindo sempre em nome do Cristo, como testemunharam todos aqueles que assistiram às suas operações, como testemunham ainda todos os seus escritos. Então, os seres invisíveis apareciam, resplandecentes de luz. Agiam e falavam, ministravam ensinamentos elevados e instigavam à oração e ao recolhimento; tudo isso ocorria sem médiuns adormecidos, sem êxtase, sem alucinações doentias.

Quando a operação terminava, os Seres Invisíveis tendo sido embora, Martinez dava as seus discípulos os modo de chegarem por si mesmos à produção dos mesmos resultados. Somente quando os discípulos obtinham sozinhos a assistência real do Invisível é que Martinez lhes outorgava o grau de Rosa-Cruz, como mostram suas cartas, com evidência.

¹ PAPUS. *MARTINEZ DE PASQUALLY*. Paris, 1895, in-18.

A iniciação de Willermoz, que durou mais de dez anos, a de Louis Claude de Saint-Martin e da de outros, mostram-nos que o Martinesismo foi consagrado a outros objetivos, além da prática da Maçonaria Simbólica. Basta não ser admitido no pórtico de um centro real de Iluminismo, para confundir os discursos dos veneráveis com os trabalhos ativos dos Rosa-Cruzes Martinistas.

Martinez quis inovar tão pouco que conservou integralmente os nomes dados aos graus pelos Invisíveis e transmitidos por Swedenborg. Seria justo, então, utilizarmos a denominação de *Swedenborgismo* adaptado em vez do Martinesismo².

Martinez considerava a Franco-Maçonaria uma escola de instrução elementar e inferior, como prova se “Mestre Cohen” que diz: “*Fui recebido Mestre Cohen, passando do triângulo aos círculos*”. Isto quer dizer, traduzindo os símbolos: “Fui recebido Mestre Iluminado, passando da Franco-Maçonaria à prática do Iluminismo”. Pergunta-se igualmente ao Aprendiz Cohen: “Quais são as diferentes palavras, sinais e toques convencionais dos Eleitos Maçons Apócrifos?” E ele responde: “Para o Aprendiz, Jakin, a palavra de passe é Tubalcain; para o Companheiro, Booz, a palavra é Schiboleth; para o Mestre, Macbenac, a palavra é Giblin.”

Era necessário possuir pelo menos sete dos graus da Maçonaria ordinária para tornar-se Cohen. A leitura mesmo superficial dos catecismos é clara a esse respeito. Martinez procurava desenvolver cada um dos membros de sua ordem pelo trabalho pessoal, deixando-lhes toda a liberdade e toda a responsabilidade por seus atos. Ele selecionava com o maior cuidado seus iniciados, conferindo os graus somente a uma real aristocracia da inteligência.

Os iniciados, uma vez recrutados, reuniam-se para trabalhar em conjunto; essas reuniões eram feitas em épocas astrológicas determinadas. Assim se constituiu uma cavalaria de Cristo, cavalaria laica, tolerante e que se afastava das práticas habituais dos diversos cleros.

Procurava individual da reintegração pelo Cristo, trabalho em grupo, união de esforços espirituais para ajudar os principiantes: tal foi, em resumo, o papel do Martinesismo. Essa Ordem recrutava seus discípulos diretamente junto aos profanos, como foi o caso de Saint-Martin, ou, mais habitualmente, entre os homens já titulares de altos graus maçônicos.

Em 1574, Martinez encontrava-se em presença: 1º da Franco-Maçonaria oriunda da Inglaterra, constituindo a Grande Loja Inglesa da França (após 1743), que deveria, em breve, tornar-se a Grande Loja da França (1756), dando lugar às intrigas do mestre de dança Lacorne. Essa maçonaria era absolutamente elementar e constituída apenas dos três graus azuis (Aprendiz, Companheiro e Mestre); era sem pretensões e formava um excelente centro de seleção.

2º - Paralelamente a essa Loja Inglesa, existia sob o nome de *Capítulo de Clermont* um grupo praticando o sistema templário, que Ramsay acrescentou em 1728 à Maçonaria, com os graus designados “Escocês, Noviço, Cavaleiro do Templo”, etc. Uma curta explicação aqui é necessária: um dos representantes mais ativos da iniciação templária foi Fenelon. Em seus estudos sobre Cabala, entrou em relações com vários Cabalistas e Hermetistas. Após *sua luta com Bosuet*,³

² “É dito nos mistérios do rito de Swedenborg que o homem, uma vez reintegrado por uma vida santa e exemplar em sua dignidade primitiva, uma vez tendo recuperado seus direitos primitivos, através de trabalhos úteis, aproxima-se então de seu Criador, conhecendo uma via nova, especulativa, animada pelo sopro Divino: ele é iniciado *Elu Cohen*: nas instruções que recebe, aprende as *Ciências Ocultas* em todas suas partes, que lhe fazem conhecer os segredos da Natureza, a alta Química, a Ontologia e a Astronomia. “(REVHELLINE, 2º vol., p. 434, citado por RAGON, *Orthodoxie Maçonnique*.)

³ Bispo francês (1627-1704), orador de grande reputação. Preceptor do príncipe herdeiro sob Luis XVI. Combateu os protestantes e condenou o Quietismo de Fenelon. Este, arcebispo de Cambraia (1651-1715), por suas críticas ao rei da França, foi obrigado a submeter-se e a retirar-se em seu arcebispado. O Quietismo

Fenelon foi forçado a fugir do mundo e a exilar-se quando preparou, com o maior cuidado, um plano de ação que deveria mais tarde proporcionar-lhe a revanche.

O cavaleiro de Ramsay foi cuidadosamente iniciado por Fenelon e encarregado de executar esse plano com o apoio dos Templários, que obteriam ao mesmo tempo sua vingança. O cavaleiro de Beneville estabeleceu em 1754 o *Capítulo de Clermont*, com seus graus templários. Ele perseguia um objetivo político e uma revolução sangrenta que Martinez não podia aprovar, como nenhum outro cavaleiro do Cristo aprovaria. Assim como Martinez, todos os discípulos de sua ordem entre os quais Saint-Martin e Willermoz, combateram energicamente esse rito templário, que alcançou parte de seus fins em 1789 e em 1793, quando mandou guilhotinar a maioria dos chefes Martinistas. Mas não nos antecipemos.

3º - Além dessas duas correntes, havia outros representantes do Iluminismo na França. Citemos, em primeiro lugar, Dom Pernety, tradutor da obra *O Céu e o Inferno* de Swedenborg, fundador do sistema dos *Iluminados de Avignon* (1766) e importante personagem na constituição dos Filaletes (1773). É necessário ligar ao mesmo centro a obra de Benedict de Chastenier, que lançou em Londres em 1767 as bases de seu rito *Iluminados Teósofos*, que brilhou particularmente a partir de 1783.

O Iluminismo criou vários grupos interligados por objetivos comuns e por Mestres Invisíveis oriundos da mesma fonte, que se reuniram posteriormente no plano físico. De Martinez de Pasqually vem a obra mais fecunda nesse sentido, pois foi a ele que o céu deu “poderes ativos”, lembrados por seus discípulos com admiração e respeito.

Do ponto de vista administrativo, o Martinesismo seguirá exatamente os graus de Swedenborg, como podemos constatar pela simples leitura da carta de Martinez de 16 de junho de 1760. Com efeito, o grau de Mestre Grande Arquiteto resume os três graus da terceira seção.

Sob a autoridade de um Tribunal Soberano constituíram-se Lojas e Grupos no interior da França, cujo nascimento e evolução poderemos constatar pela leitura das cartas de Martinez, por nós publicadas.

2.2 O WILLERMOSISMO

Dos discípulos de Pasqually, dois merecem particularmente nossa atenção pelas obras que realizaram: Jean Baptiste Willermoz, de Lyon, e Louis Claude de Saint-Martin. Inicialmente iremos nos ocupar do primeiro. Willermoz, negociante Lionês, era maçom quando começou sua correspondência iniciática com Martinez de Pasqually. Habitado à hierarquia maçônica, aos grupos e às Lojas, concentrou sua obra de realização no sentido do trabalho em grupo. Tendeu, pois, a constituir Lojas de Iluminados; enquanto Saint-Martin dirigiu seus esforços para o trabalho individual.

A obra capital de Willermoz foi a organização de congressos maçônicos, os *Conventos*, permitindo aos Martinistas desmascarar previamente a obra fatal dos Templários e apresentar o Martinismo sob seu real aspecto de universalismo integral e imparcial da Ciência Hermética.

Quando foi iniciado por Martinez, Willermoz era venerável da loja *A Perfeita Amizade* de Lyon, cargo que ocupou entre 1752 e 1763. Essa loja filiava-se à Grande Loja da França. Em 1760, uma

foi uma doutrina mística combatida pela Igreja. Apoiava-se nas obras do padre espanhol Molinos e ensinava que a perfeição cristã é obtida pelo amor de Deus e pela anulação da vontade individual (sic!).

primeira seleção foi realizada e todos os membros portadores do grau de Mestre constituíram uma grande Loja de Mestres de Lyon tendo Willermoz como Grão-Mestre. Em 1765, nova seleção foi realizada através da criação do *Capítulo de Cavaleiros da Águia Negra*, colocados sob a direção do Dr. Jacques Willermoz, irmão mais moço de Jean-Baptiste. Ao mesmo tempo, este abandonou a presidência da Loja ordinária e da loja de Mestres, em favor do Ir.: Sellonf, para colocar-se na chefia da Loja dos Elus Cohens, formada com os melhores elementos do Capítulo. Sellonf, Jacques Willermoz e Jean Baptiste formaram um *Conselho Secreto*, tendo os irmãos de Lyon sob tutela.

Abordemos agora a natureza dos trabalhos realizados na Loja dos Cohens, falando mais tarde dos conventos realizados.

Constata-se nos documentos depositados no Supremo Conselho da Ordem Martinista, vindos diretamente de Willermoz, que as reuniões, reservadas aos membros portadores do título de Iluminado, eram consagradas à oração coletiva e às operações, permitindo a comunicação direta com o Invisível. Possuímos todos os detalhes relativos à maneira de fazer essa comunicação; mas esses rituais devem ficar reservados exclusivamente ao Comitê Diretor do Supremo Conselho. Podemos revelar, contudo, lançando grandes luzes sobre muitos pontos, que os iniciados davam o nome de **Filósofo Desconhecido** ao ser invisível com o qual se comunicavam. Foi ele quem ditou, em parte, o livro **Dos Erros e da Verdade** de Saint-Martin, que somente adotou esse pseudônimo mais tarde, por ordem superior. Provamos essa afirmação em nosso volume consagrado a Saint-Martin.

A mais alta espiritualidade, a mais intensa submissão às vontades do Céu, as mais ardentes orações a Nosso Senhor Jesus Cristo jamais deixaram de preceder, de acompanhar e de encerrar as reuniões presididas por Willermoz⁴. Apesar disso, se os clérigos ainda desejam ver um diabo peludo e cornudo em toda influência invisível e se estão dispostos a confundir tudo o que for supra-terrestre com influências inferiores, só poderemos lamentar uma posição desse tipo, que possibilita toda espécie de mistificação e de zombaria. O Willermosismo, assim como o Martinesismo e o Martinismo, sempre foi cristão e jamais clerical. Ele dá a César o que é de César e ao Cristo o que é de Cristo; jamais vende o Cristo a César.

O *Agente ou Filósofo Desconhecido* ditou 166 cadernos de instrução, possibilitando a Saint-Martin copiar os principais. Dentre esses manuscritos, cerca de 80 foram destruídos nos primeiros meses de 1790 pelo próprio *Agente*, para evitar que caíssem em mãos de enviados de Robespierre, que se esforçou para obtê-los.

2.3 - OS CONVENTOS

Em 12 de agosto de 1778, Willermoz anunciou o *Convento de Gaules*, realizado em Lyon entre 25 e 27 de dezembro do mesmo ano. Esse convento tinha como objetivo apurar o sistema escocês e destruir todos os maus germens introduzidos no sistema pelos Templários. Sob a influência dos

⁴ “Conheci muitos Martinistas, tanto em Lyon como em diferentes cidades das províncias meridionais. Longe de parecerem ligados às opiniões dos filósofos modernos, demonstravam desprezo por seus princípios. Sua imaginação, exaltada pela obscuridade dos escritos de seu patriarca, deixava-os expostos a todo gênero de credulidade. Embora muitos fossem distinguidos por talentos e conhecimentos, tinham o espírito amiúde ocupado com fantasmas e prodígios. Não se limitavam a seguir os preceitos da religião dominante; mas livravam-se às práticas de devoção em uso na classe menos instruída. Em geral, seus costumes eram bastante regulares. Constatava-se grande mudança de conduta naqueles que, antes de adotar as opiniões dos Martinistas, tinham vivido na dissipação e na procura dos prazeres”. (NEUNIER. *Influência dos Iluminados na Revolução*. Paris, 1822, In-8, p. 157).

Iluminados de todo o País, saiu dessa reunião a primeira condenação do plano de vingança sangrenta, preparado em silêncio dentro de certas lojas. O resultado dos trabalhos desse convento está contido no **Novo Código das Lojas Retificadas da França**, mantido em nossos arquivos e publicado em 1779.

Para se compreender o grande esforço realizado no sentido da união dos maçons, é necessário lembrar que o mundo maçônico estava em plena anarquia.

O Grande Oriente da França fora fundado em 1772 graças à usurpação da Grande Loja por Lacorne e seus seguidores, dirigidos ocultamente pelos Templários. Estes, após terem estabelecido o Capítulo de Clermont, foram transformados em 1760 em Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente; em 1762, em Cavaleiros do Oriente, entrando, finalmente, no Grande Oriente através de Lacorne.

Graças à sua influência, o sistema de lojas foi profundamente modificado; em todos os lugares o regime parlamentar, realizando eleições de seus oficiais, substituiu a antiga unidade e autoridade hierárquica. Com a desordem causada em todas as partes por essa revolução, os Martinistas intervieram para trazer a todos a reconciliação. Eis a razão desse primeiro convento de 1778 e de seus esforços para impedir as dilapidações financeiras que se faziam em toda a parte.

Encorajado por esse primeiro sucesso, Willermoz convocou, a partir do dia 9 de setembro de 1780, “todas as grandes lojas escocesas da Europa ao Convento de Wilhemsbad, perto de Hanau”⁵. O Convento de Wilhemsbad foi aberto em uma terça-feira, no dia 16 de julho de 1782, sob a presidência de Ferdinand de Brunswick, um dos chefes do Iluminismo Internacional. Desse convento saiu a *Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa de Jerusalém* e uma nova condenação do sistema Templário.

Como se observa, o Willermosismo tendeu sempre ao agrupamento de fraternidades iniciáticas, à constituição de coletividades de iniciados dirigidas por centros ativos religados ao Iluminismo. Não tem razão quem pensa que Willermoz tenha abandonado as idéias de seus mestres; pensar isso é conhecer mal seu caráter elevado. Sempre até a morte, quis estabelecer a Maçonaria sobre bases sólidas, dando como objetivo a seus membros a prática da virtude e da caridade; mas sempre procurou fazer das lojas e dos capítulos centros de seleção para os grupos de Iluminados. A primeira parte de sua obra era clara, a segunda oculta; é por isso que as pessoas mal informadas podem não ver Willermoz sob sua verdadeira personalidade.

Após a tormenta revolucionária, tendo seu irmão Jacques Willermoz sido guilhotinado, com todos os seus iniciados, havendo ele próprio escapado por milagre da mesma sorte, foi ainda ele quem reconstituiu na França a Franco-Maçonaria espiritualista, graças aos rituais que pôde salvar do desastre. Tal foi a obra deste Martinista, a quem consagraremos um volume, tão logo quanto possível, se Deus o permitir.

CAPÍTULO II

SAINT-MARTIN, MARTINISMO E FRANCO-MAÇONARIA

1. LOUIS CLAUDE DE SAINT-MARTIN E O MARTINISMO

⁵ RAGON. *Ortodoxia Maçônica*, p. 162.

Embora não se conhecesse a ortografia correta do nome de Martinez de Pasqually e a profundidade da obra real de Willermoz, antes da publicação das cartas de Pasqually, muito se escreveu sobre Saint-Martin; muitas inexactidões foram publicadas em relação à sua obra.

As críticas, as análises, as suposições e também as calúnias feitas à sua obra baseiam-se tão somente nos livros e nas cartas esotéricas do *Filósofo Desconhecido*. Sua correspondência de Iniciado, endereçada a seu colega Willermoz, mostra os inúmeros erros cometidos pelos críticos e, em particular, por Matter. É verdade que não se pode obter muita informação com base nos documentos atualmente conhecidos, sobretudo quando não se tem nenhuma luz sobre as chaves que dá o Iluminismo a esse respeito. Antes de publicar essas cartas, esperaremos que novas imprecisões sejam produzidas em relação ao grande realizador Martinista, para destruir de uma só vez todas as ingenuidades e todas as lendas.

Willermoz foi encarregado do agrupamento de elementos Martinistas e de ação na França; Saint-Martin recebeu a missão de criar a iniciação individual e de exercer sua ação tão longe quanto possível. A esse respeito, permitiram-lhe estudar integralmente os ensinamentos do “Agente Desconhecido”. Possuímos nos arquivos da Ordem muitos cadernos copiados e anotados pelo punho de Saint-Martin.

Como dissemos há pouco, o livro **Dos Erros e da Verdade** originou-se, em grande parte, do Invisível. Por esse motivo, provocou grande emoção no centros iniciáticos desde seu aparecimento, fato que os críticos procuram com muita dificuldade explicar. Esse aspecto, assim como outros, serão esclarecidos quando necessário.

Além dos estudos ligados ao Iluminismo, começados junto a Martinez e desenvolvidos com Willermoz, Louis Claude de Saint-Martin ocupou-se ativamente da Alquimia. Ele possuía em Lyon um laboratório organizado para esse fim. Mas deixemos esses detalhes que pretendemos aprofundar mais tarde; ocupemo-nos tão somente do aspecto de sua obra que nos interessa aqui. Tendo estendido seu raio de ação, Saint-Martin foi obrigado a fazer certas reformas dentro do Martinismo. Os autores clássicos de Maçonaria deram o nome do grande realizador à sua adaptação e designaram sob o nome de *Martinismo* o movimento proveniente de Louis Claude de Saint-Martin. É muito divertido ver certos críticos, que nos abtemos de qualificar, esforçarem-se em fazer acreditar que Saint-Martin jamais fundou qualquer ordem. É necessário realmente considerar os leitores bastante mal informados para ousar sustentar ingenuamente tal absurdo.

A Ordem de Saint-Martin foi introduzida na Rússia sob o reino da Grande Catarina, sendo tão difundida ao ponto de ser mencionada em uma peça de teatro encenada na corte. É à Ordem de Saint-Martin que se ligam as iniciações individuais, referidas nas memórias da baronesa de Oberkierch. O autor clássico da Franco-Maçonaria, o positivista Ragon, que não simpatizava com os ritos dos Iluminados, descreve nas páginas 167 e 168 de sua *Ortodoxia Maçônica* as mudanças operadas por Saint-Martin para constituir o Martinismo⁶.

⁶ Ficamos surpresos por ver o judicioso autor da *História da Fundação do Grande Oriente da França* ter o prazer de diminuir “O Escocismo” reformado de Saint-Martin, no qual só encontra *superstições ridículas e crenças absurdas*. Não ignoramos que a maior parte das cópias existentes desse rito estão bastante alteradas, podendo induzir ao erro o homem mais instruído, mas, assinalemos: 1º que grandes luzes e o talento de escrever asseguram a Saint-Martin um lugar distinguido entre os “Sectários particulares”; 2º que foi pelo menos uma empresa louvável, ultrapassando o círculo estreito desse labirinto e pelo orgulho; 3º que a filiação dos graus de Saint-Martin apresenta, aparentemente, um sistema bastante coerente, um conjunto que pode conduzir facilmente todo o iniciado na arte real. Finalmente, cada grau em particular supõe um conhecimento profundo da Bíblia, que ninguém possuía melhor do que ele próprio dos textos originais, conhecimento bastante raro entre os maçons. Poder-se-ia talvez apenas censurar-lhe de ser muito preso aos detalhes. (DE L’AULNAYE. *Le Thuilleur Général*).

Sabemos que esses críticos não merecem ser levados a sério, principalmente por Saint-Martin ter desprezado a Franco-Maçonaria positivista, fato que nunca perdoaram. O mesmo fez Martinez, que relegou a Maçonaria a seu verdadeiro papel de escola elementar e de centro de instrução simbólica inferior. Em suma, quando desejam negar fatos históricos, ridicularizam.

Aquele que os críticos universitários denominavam “Teósofo de Amboise” foi um realizador bastante prático, sob uma aparência mística. Empregou assim como Weishaupt,⁷ a iniciação individual. Foi graças a esse procedimento que a Ordem obteve facilidade de adaptação e de extensão, que muitos ritos maçônicos invejam. Saint-Martin foi não dedicado à difusão da Cavalaria Cristã de Martinez que violentos ataques foram endereçados contra sua obra, sua personalidade e sua vida. Seria necessário um volume inteiro para rebater essas críticas; limitar-nos-emos dentro deste curto estudo a indicar a verdadeira essência do Martinismo da época de Saint-Martin, servindo-nos documentos já impressos⁸.

1.1 LIGAÇÃO DE SAINT-MARTIN COM OS ENSINAMENTOS DE MARTINES DE PASQUALLY

“Meu primeiro mestre, a quem eu fazia perguntas semelhantes em minha juventude, respondia-me que se aos sessenta anos eu tivesse atingido o termo, não deveria lamentar. Ora, tenho apenas cinquenta anos!” Procurai ver que as melhores coisas aprendem-se e não se ensinam, e sabereis mais que os doutores.

“Nossa primeira escola tem coisas preciosas. Eu mesmo fui levado a acreditar que Pasqually, de quem me falais (o qual, é necessário vos dizer, era nosso mestre) tinha a chave ativa de tudo aquilo que nosso caro B...⁹ expõe em suas teorias, mas não nos considerava aptos para receber verdades tão elevadas. Ele possuía, também os pontos que nosso amigo B... não conheceu ou não quis mostrar, tais como a resipiscência do ser perverso, para a qual o primeiro homem teria sido encarregado de trabalhar; idéia que me parece ainda ser digna do plano universal, mas sobre o qual, entretanto, ainda não tenho nenhuma demonstração positiva, exceto pela inteligência. Quanto à Sofia e ao Rei do mundo, ele nada nos revelou; deixou-nos nas noções elementares do mundo e do demônio. Mas não afirmarei que ele não tenha tido conhecimento de tudo isso; estou persuadido que acabaríamos por chegar a esse conhecimento, se o tivéssemos conservado por mais tempo”.

“Resulta de tudo isso que há um excelente casamento a se fazer entre a doutrina de nossa primeira escola e a de nosso amigo B... É sobre isso que trabalho; confesso-vos francamente que considero os dois esposos tão bem feitos um para o outro que não encontro nada de mais completo: assim, aprendamos deles tudo o que pudermos, eu vos ajudarei da melhor maneira possível”.

1.2 A INICIAÇÃO MARTINISTA, SEU CARÁTER

“A única iniciação que prego e que procuro com todo o ardor de minha alma é aquela que nos permite entrar no coração de Deus e fazer entrar o coração de Deus em nós, para aí fazer um casamento indissolúvel, transformando-nos no amigo, irmão e esposa do Divino Reparador. Não existe outro mistério para chegar-se a essa santa iniciação a não ser este: penetrar cada vez mais nas profundezas de nosso ser até aflorar a viva e vivificante raiz; porque, então, todos os frutos que deveremos portar, segundo nossa espécie, irão se produzir naturalmente em nós e fora de nós,

⁷ Veja *Cartas à Caton Zwach*, de 16.2.1781.

⁸ Iremos nos servir, para essas citações, da correspondência entre Louis Claude de Saint-Martin e o Barão de Kirchberger.

⁹ Saint-Martin refere-se a Jacob Boheme.

como aqueles que vemos nascer em nossas árvores terrestres, porque são aderentes à sua raiz particular e porque não cessam de sugar seu sumo”.

A - FOGO, SOFRIMENTO

“Quando sofremos por nossas próprias obras, falsas e infectas, o fogo é corrosivo e queima; e, entretanto ele deve ser menos do que aquele que serve de fonte a essas obras falsas. Também tenho dito, mais por sentimento do que por luz (no livro **O homem de Desejo**), que a penitência é mais doce do que o pecado. Quando sofremos pelos outros homens, o fogo é ainda mais vizinho do óleo e da luz; mesmo que ele nos rasgue a alma e nos inunde de lágrimas, não passaremos por essas provas em delas retirar deliciosas consolações e as mais nutritivas substâncias”.

B - CARÁTER ESSENCIALMENTE CRISTÃO DO MARTINISMO

Os clérigos sempre se esforçaram em conservar só para si a possibilidade de comunicação com o plano Divino. A partir dessa pretensão, todo contato que não vem por seu intermédio atribui-se a Satã ou a outros demônios. Caluniaram ao ponto de pretender que os Martinistas não eram cristãos, não servindo ao Cristo, mas a um demônio qualquer, disfarçado sob esse nome. Eis a resposta de Saint-Martin a essas acusações:

“Acrescento que os elementos mistos foram o meio de que se serviu o Cristo para vir até nós; enquanto devemos quebrar e atravessar esses elementos para chegar até ele; assim, enquanto repousarmos sobre esses elementos, estaremos atrasados”.

“Entretanto, como acredito falar a um homem sensato, calmo e discreto, não esconderei que na escola onde passei há mais de vinte e cinco anos as comunicações de todo o tipo eram numerosas e freqüentes; e eu tive a minha parte como muitos outros. Nesses trabalhos, todos os sinais indicativos do Reparador estavam compreendidos. Ora, não ignorais que o Reparador e a Causa Ativa são a mesma coisa”.

v u v h

“Acredito que a palavra comunicou-se sempre, diretamente e sem intermediário, desde o começo das coisas. Ela falou diretamente a Adão, a seus filhos e sucessores, a Noé, a Abraão, a Moisés, aos Profetas, etc., até o tempo de Jesus Cristo. Ela falou pelo grande nome e queria tanto transmiti-lo, diretamente, que segundo a lei levita o grande sacerdote encerrava-se sozinho no Santo dos Santos para pronunciá-lo; e, segundo algumas tradições, ele possuía campainhas na barra de seu balandrau para ocultar sua voz aos que permaneciam nos recintos vizinhos”.

v u a v h

“Quando o Cristo veio, tornou a pronúncia dessa palavra ainda mais central ou mais interior, uma vez que o grande nome que essas quatro letras exprimem é a explosão quaternária ou o sinal crucial de toda vida. Jesus Cristo, transportando do alto o c dos hebreus, ou a letra S, juntou o santo ternário ao grande nome quaternário deve encontrar em nós sua própria fonte nas ordenações antigas, com mais forte razão o nome do Cristo deve também esperar dele, exclusivamente, toda eficácia e toda luz. Também, ele nos disse para nos encerrarmos em nosso quarto quando desejássemos orar; ao passo que, na antiga lei, era absolutamente necessário ir ao Templo de Jerusalém para adorar; e aqui, vos envio os pequenos tratados de vosso amigo sobre a penitência, a santa oração, o verdadeiro abandono, intitulados: Der Weg zu Christ (O caminho de

Cristo);¹⁰ *ai vereis, passo a passo, que se todos os costumes humanos não desaparecerem, e se é possível que qualquer coisa nos seja transmitida, verdadeiramente, se o espírito não se criar em nós, como criasse eternamente no princípio da natureza universal, onde se encontra permanentemente a imagem de onde adquirimos nossa origem e que serviu de exemplo a Mensebwerdung. Sem dúvida, há uma grande virtude ligada a essa verdadeira pronúncia, tão central quanto oral, deste grande nome e daquele de Jesus Cristo que é como a flor. A vibração de nosso ar elementar é uma coisa bem secundária na operação pela qual esses nomes tornam sensíveis aquilo que não o foi. A virtude deles é de fazer hoje e a todo momento o que fizeram no começo de todas as coisas para lhes dar a origem; e como produziram toda coisa antes que o ar existisse, sem dúvida que ainda estão abaixo do ar, quando desempenham as mesmas funções; não é impossível a esta Divina palavra se fazer escutar mesmo por um surdo e em lugar privado de ar, pois não será difícil à luz espiritual tornar-se sensível a nossos olhos mesmo físicos, pelo menos não ficaríamos cegos e ofuscados no mais tenebroso calabouço. Quando os homens fazem sair as palavras fora de seu verdadeiro lugar, livrando-as por ignorância, imprudência ou impiedade, às regiões exteriores ou à disposição dos homens de torrente, elas conservam sempre, sem dúvida, sua virtude, mas daí retiram muito de si próprias, porque não se acomodam por combinações humanas; também, esses tesouros tão respeitáveis não fizeram outra coisa senão provar a escória, passando pela mão dos homens; sem contar que não cessaram de serem substituídos pelos ingredientes nulos ou perigosos, que, produzindo enormes efeitos, acabaram por encher o mundo inteiro de ídolos, porque ele é o templo do Deus verdadeiro, que é o centro da palavra”.*

Ao terminar estas citações, salientemos que a Ordem recebeu de Saint-Martin o pantáculo e o nome místico do Cristo, h w c h y, que ornamenta todos os documentos oficiais do Martinismo.

É necessário a má fé de um clérigo para pretender que esse nome sagrado relaciona-se com outro diferente de Jesus Cristo, o Divino Verbo Criador. Antonini em seu livro *Doutrina do mal* afirma que o Schim hebraico sataniza todas as palavras onde entra; isso demonstra o seu conhecimento insuficiente de Simbolismo.

C - O MARTINISMO É CRISTÃO, MAS SEU ESPÍRITO É ANTICLERICAL

“Estão a ignorância e a hipocrisia dos padres entre as causas principais dos males que afligiram a Europa há séculos.

“Não falo da pretendida transmissão da Igreja de Roma, que em minha opinião nada transmite como Igreja, embora alguns de seus membros possam transmitir algo algumas vezes, seja por virtude pessoal, pela fé de seu rebanho ou por vontade particular do bem”.

D - A PRÁTICA, OS SERES ASTRALS

Como todo Iluminado, Saint-Martin soube insistir sobre o perigo das comunicações com os seres astrais, como prova a correspondência entre os dois amigos:

“Não poderíamos denominar os três reinos que vossa escola designava “natu-ral, espiritual e Divino”, natural, astral e Divino?”

“Todas essas manifestações que vêm após a iniciação, não seriam do reino astral? Uma vez tendo colocado os pés nesse domínio, não se entraria em sociedade com os seres que aí habitam, cuja maior parte, se me for permitido, em assunto dessa natureza, servir-me de uma expressão trivial, é má companhia? Não se entra em contato com seres que podem atormentar, até ao excesso, o

¹⁰ BOHEME, Jacob. *Le Chemin pour aller a Christ*. Rennes, Ed. AWAC Bretagne, 1978.

operador que vive nessa multidão, ao ponto de suscitar-lhe o desespero e de inspirar-lhe o suicídio, como testemunharam Schoroper e o Conde de Cagliostro! Sem dúvida que terão os iniciados os meios mais ou menos eficazes para se protegerem das visões; mas, em geral, parece-me que essa situação, que está fora da ordem estabelecida pela Providência, pode ter antes conseqüências mais funestas do que favoráveis ao nosso progresso espiritual”.

1.3 SAINT-MARTIN E CAGLIOSTRO

A citação acima demonstra a desconfiança que o Iluminismo francês tinha em relação ao enviado dos irmãos Templários da Alemanha. Ninguém melhor do que Saint-Martin para julgar a realidade de certos fatos produzidos por Cagliostro, alguns de influência positiva, outros, que se manifestavam juntos com detestáveis entidades, que não deixavam de apossar-se do espírito e das almas dos assistentes.

A - CAGLIOSTRO

“Apesar da objeção de seu estado moral, descobri que seu mestre operava pela palavra e que tinha transmitido a seus discípulos o conhecimento para operar da mesma maneira durante sua ausência”.

“Um exemplo marcante desse tipo, que fiquei sabendo há alguns anos, foi o da consagração da loja maçônica egípcia de Lyon em 26 de julho de 1756, segundo seu calculo que me parece errado. Os trabalhos duraram três dias, as orações cinquenta e quatro horas; havia 27 membros reunidos. Enquanto os membros oravam para o Eterno manifestar sua aprovação através de um sinal visível, estando o mestre no meio de suas cerimônias, o Reparador apareceu, abençoado os membros da assembléia. Ele desceu diante de uma nuvem azul, que servia de veículo a essa aparição; pouco a pouco elevou-se ainda sobre essa nuvem que, desde o momento da descida do céu à terra, tinha adquirido uma aparência tão deslumbradora que uma jovem presente, C., não pôde suportar o esplendor da luz que dele emanava. Os dois grandes profetas e o legislador de Israel deram-lhe sinais de aprovação e de bondade. Quem poderia, com alguma plausibilidade, colocar em dúvida o fervor e a piedade de vinte e sete membros? Entretanto, quem foi o criador da loja e o ordenador, embora ausente das cerimônias? Cagliostro! Essa única palavra é suficiente para fazer ver que o erro e as formas emprestadas podem ser a conseqüência da boa fé e das intenções religiosas de vinte e sete membros reunidos”.

2. MARTINISMO E MATERIALISMO

A obra perigosa de Cagliostro não foi a única que Saint-Martin procurou combater. Ele também concentrou todos os seus esforços para lutar contra o progresso dos “Filó-sofos”, que se esforçavam em precipitar a Revolução espalhando por toda a Europa os princípios dos ateísmo e do materialismo. Foram ainda os Templários¹¹ que manejaram esse movimento perfeitamente organizado, como nos indicam os trechos extraídos de Kirchberger”.

¹¹ Esses Templários que, segundo Papus, organizaram um movimento subversivo que culminou com a Revolução Francesa, só tem o nome dos antigos Templários, construtores do Templo Místico de Salomão. Os primeiros originaram-se do *Sistema Escocês* instituído por Ramsay em 1728, “cuja base era política e cujo ensinamento tendia a fazer de cada irmão um vingador da Ordem do Templo” (Cf. item 2.3, adiante). Os antigos Templários originavam-se da Ordem do Templo, fundada em Jerusalém em 1118 por Hugues Payens e Geoffroi de Saint-Omer e sete Cavaleiros, sob a espada do 67º sucessor de São João, o Evangelista. Exteriormente, tinham como objetivo proteger os peregrinos que se dirigiam ao Santo Sepulcro de Jerusalém; ocultamente, o objetivo era obter a Iluminação, como toda ordem iniciática digna desse nome. (N.T.)

“A incredulidade formou atualmente um clube muito bem organizado. É uma grande árvore que faz sombra em uma parte considerável da Alemanha, que porta muitos maus frutos e que projeta suas raízes até à Suíça. Os adversários da religião cristã têm suas afiliações, seus observadores e sua correspondência muito bem montada; para cada departamento, tem um provincial que dirige os agentes subalternos; têm os principais jornais alemães sob controle, que constituem a leitura favorita do clero, que não gosta mais de estudar; nossos jornais censuram artigos, aos quais dão sua versão e criticam os demais; se um escritor quer combater esse despotismo, enfrentará uma enorme dificuldade para encontrar um editor que queira encarregar-se de seu manuscrito. Eis o método para a parte literária; mas têm muitos outros para consolidar seu poderio e enfraquecer aqueles que sustentam a boa causa”.

“Se há uma vaga de instrução pública qualquer, ou se existe um senhor um senhor com necessidade de um instrutor para seus filhos, eles têm três ou quatro personagens prontos que apresentam-se ao mesmo tempo por canais diferentes; dessa maneira, estão quase sempre certos de vencer. Eis como é freqüentada da Alemanha, e para onde enviamos nossos jovens para estudar”.

“Intrigam também para colocar seus protegidos nos gabinetes dos ministros da corte alemã; têm também seus apadrinhados dentro dos conselhos dos príncipes e em outros lugares”.

“Um segundo método que empregam é aquele de Basilio... a calúnia. Esse método torna-se para eles cada vez mais fácil, na medida em que a maior parte dos eclesiásticos protestantes são, infelizmente, os seus agentes mais zelosos; como essa classe tem mil maneiras de penetração em todos os lugares, podem espalhar os rumores que causam efeito, antes que se tenha tido conhecimento da coisa e tempo de se defender”.

“Essa coalizão monstruosa custou trinta e cinco anos de trabalho a seu chefe, que é um velho homem de letras de Berlim, e, ao mesmo tempo, um dos livreiros mais célebres da Alemanha. Ele redige desde 1765 o primeiro jornal desse país; chama-se Frederic Nicolai. Essa Biblioteca Germânica foi também amparada por seus agentes pelo espírito da Gazeta Literária de Viena, que é muito bem feita e que circula em todos os países onde a língua alemã é falada. Nicolai influencia ainda o jornal de Berlim e o Museu Alemão, dois veículos muito acreditados. A organização política e as sociedades afiliadas foram estabelecidas quando os jornais inocularam suficientemente seu veneno. Eles marcharam lentamente, mas com passo seguro. Atualmente seu progresso é tão assustador e sua influência tão grande, que não existe mais nenhum esforço que possa resistir-lhes; somente a Providência tem o poder de nos libertar dessa peste”.

“No início, a marcha dos Nicolaístas foi muito silenciosa; associavam as melhores cabeças da Alemanha á sua Biblioteca Universal; os artigos científicos eram admiráveis; os temas de obras teológicas ocupavam sempre uma parte considerável de cada volume. Esses temas eram compostos com tanta sabedoria, que nossos professores da Suíça os recomendavam em seus discursos públicos a nossos jovens eclesiásticos. Mas, pouco a pouco, eles expeliam seu veneno, embora com bastante cautela. Esse veneno foi reforçado com endereço certo. Mas, por fim, tiraram a máscara e, em dois de seus jornais afiliados, esses celerados ousaram comparar nosso Divino Mestre ao célebre impostor tártaro Dalai Lama (Veja o artigo da Dalai Lama em Moreri). Esses horrores circularam em nossa terra, sem que ninguém em toda Suíça desse o menor sinal de descontentamento. Então, em 1790, escrevi em uma gazeta política, à qual estava anexa uma folha onde se escrevia tudo; despertei a indignação pública contra esses iluminadores, Aufklärer, ou esclarecedores, como se denominavam. Enfatizei sobre a atrocidade e a profunda asneira dessa blasfêmia”.

“Neste momento, essa gente faz ainda menos mal por seus escritos do que por suas afiliações, por suas intrigas e por suas infiltrações nos postos; de sorte que a maior parte de nosso clero, na

Suíça, é corrompida moralmente até o miolo dos ossos. Faço, por minha parte, tudo o que posso pelo menos para retardar a marcha dessa gente. Algumas vezes obtive sucesso, em outros casos os meus esforços foram impotentes, porque são muito adestrados e porque seu número chama-se legião”.

3. SAINT-MARTIN E A FRANCO-MAÇONARIA

O Willermosismo apoiava-se na Maçonaria, para o recrutamento de seus quadros inferiores; este não foi o critério do movimento individual de Saint-Martin, que só procurava a qualidade, sem jamais se preocupar com o número; ele sempre teve um desprezo misturado com piedade pelas pequenas intrigas, complôs e pelas mesquinhas das lojas maçônicas.

Certos maçons, para os quais uma pequena faixa representa erudição, acreditavam que Saint-Martin professava por seu mestre e sua obra o mesmo desprendimento que pelas lojas inferiores. Isto é um erro derivado da confusão existente entre o Iluminismo e a Maçonaria. Para demonstrar a que ingênuos erros podem chegar todos aqueles que portam julgamentos sem documentação séria, iremos transcrever abaixo um pequeno extrato da correspondência de Saint-Martin, relativa a esta questão:

“Eu rogo (a nosso Ir .:) de apresentar e de admitir a demissão de meu cargo na ordem interior, de fazer-me o favor de riscar meu nome de todos os registros e listas maçônicas onde eu possa ter sido inscrito após 1785; minhas ocupações não me permitem seguir doravante essa carreira; não me fatigarei em dar maiores detalhes das razões que me determinam. Ele bem sabe que tirando meu nome de todos os registros nada fará de errado, pois não lhe sirvo para nada; ele sabe, além disso, que meu espírito jamais aí esteve inscrito; ora, na verdade não estamos ligados a não ser formalmente. Ficaremos ligados para sempre, eu o espero, como Cohens e permaneceremos da mesma forma pela Iniciação¹² ...”.

Esta citação é instrutiva de diversas maneiras. Inicialmente, mostramos que Saint-Martin só foi inscrito em um registro maçônico em 1785 e que somente em 1790 separou-se desse meio.

Assim como todos os iluminados franceses, recusou-se participar da reunião organizada pelos *Filaletes* em 15 de fevereiro de 1785.

Não somente os iluminados franceses, mas também Mesmes, delegado de um centro de Iluminismo alemão, e todos os membros do Rito Escocês Filosófico, recusaram participar dessa reunião, onde Cagliostro foi obrigado a provar suas afirmações.

Saint-Martin colocou a Franco-Maçonaria no seu devido lugar e jamais deixou de fazer inúmeras iniciações individuais. Um de seus discípulos, Gilbert, foi mais tarde discípulo de Fabre d’Olivet. Outro de seus discípulos diretos, Chaptal, foi avô de Delaage, de modo que podemos seguir historicamente, na França, os traços da Ordem Martinista sem nenhuma interrupção. Uma das obras do Cavaleiro Arson mostra-nos uma organização de sábios Martinistas em pleno funcionamento em janeiro de 1818, isto é, após a morte de Saint-Martin.¹³

4. OPINIÕES SOBRE O MARTINISMO

¹² Carta inédita de Saint-Martin a Willermoz, endereçada de Strasbourg, com data de 4 de julho de 1790 (Arquivos do Supremo Conselho da Ordem Martinista, na França).

¹³ J.B. Willermoz faleceu em 20 de maio de 1824. (N.T.)

O número de Franco-Maçons Martinistas que se opuseram ao progresso da anarquia excede bastante o número daqueles que a favoreceram. Em 1789, o venerável de uma Loja Martinista de *Dauphine*, sabendo que salteadores uniram-se a cultivadores enganados por falsas ordens do rei, para pilhar e incendiar as casas de nobres na campanha, enviou, por intermédio do poder civil de que estava investido, todos os reforços possíveis para dar fim a esses estragos. Tentou comunicar aos demais seu zelo pela manutenção do direito de propriedade. Não se limitou em contribuir com as ordens severas que foram dadas contra os incendiários e os ladrões; conduziu pessoalmente a força armada, combateu com ela, mostrando a bravura de suas ações e a pureza de seus princípios.¹⁴

4.1 OPINIÃO DE JOSEPH DE MAISTRE

Durante quarenta anos, pelo menos, Joseph de Maistre esteve entre os Marti-nistas e outros místicos; penetrou seu espírito, suas teorias e seus projetos. Seu julgamento é, pois, de grande peso. Sem dúvida, ele os censura por odiarem a autoridade, por filiarem-se às opiniões origenistas;¹⁵ mas teria protestado se esses místicos cristãos que conhecia a fundo, ti-vessem sido algumas vezes satanistas ou luciferianos. É muito deplorável que na França te-nham existido laicos e mesmo padres tão ignorantes do caráter do Martinismo para confundir-lhe com a monstruosidade absurda das seitas modernas.¹⁶

Não se deve confundir os iluminados alemães, discípulos de Weishaupt, niveladores encarniçados, com o “discípulo virtuoso de Saint-Martin, que não professa somente o cristianismo, mas que só trabalha para elevar-se às mais sublimes alturas desta lei Divina”.¹⁷

Esses homens de desejo pretendem poder elevar-se de grau em grau até aos conhecimentos sublimes dos primeiros cristãos.

4.2 BALZAC E OS MARTINISTAS

A curiosa citação a seguir mostra que Balzac teria certamente recebido, em reunião de iniciação, a filiação real da Ordem Martinista.

*“A teologia mística abrangia o conjunto das revelações Divinas e a explicação dos mistérios. Esse ramo da antiga teologia permaneceu secreto entre nós. Jacob Boheme, Swedenborg, Martinez de Pasqually, Saint-Martin, Molinos, Senhoras de Guyon, Bourignou e Krudener, a grande seita dos Extáticos, dos Iluminados, em diversas épocas conservaram dignamente as doutrinas desta ciência, cujo objetivo tem qualquer coisa de assustador e de gigantesco”.*¹⁸

5. UNIÃO DOS MARTINISTAS E DOS ROSA-CRUZES

A tendência desses últimos Rosa-Cruzes é de fundir a teoria cabalística da emanção com as doutrinas do cristianismo, tendência que prepara o caminho à união dos Rosa-Cruzes com os Martinistas e os Iluminados.¹⁹

CAPÍTULO III

¹⁴ J.J. MOUNIER, *Op. Cit.*, p. 159.

¹⁵ Partidário da doutrina de Orígenes, nascido na Alexandria no Século II. Apologista que interpretava a Bíblia pelo método alegórico. Sua doutrina foi condenada pela Igreja. (N.T.)

¹⁶ SATURNINUS. Joseph de Maistre e os Martinistas. *Revue L'Initiation*, vol. 39, nº7.

¹⁷ JOSEPH DE MAISTRE, *les Soirées ... (XIº Entretien)*, citado por Saturninus.

¹⁸ BALZAC. *Les Proscrits*.

¹⁹ KIESWETTER, Carl. *Histoire de l'Ordre de la Rose-Croix* (Arquivos da Ordem).

O MARTINISMO CONTEMPORÂNEO

A França é no Invisível a filha mais velha da Europa, devendo, por consequente, manter em seu seio o centro da iniciação. Mas, a maioria das lojas maçônicas francesas afastaram-se da iniciação, atendo-se aos compromissos maléficos da política, descendo de grau em grau até tornarem-se centros ativos de ateísmo e de materialismo.

Tendo abandonado o estudo dos símbolos, que estavam encarregados de transmitir às gerações futuras, e tendo feito, sob protesto de anticlericalismo, uma guerra incessante a toda crença e a todo ideal, os Franco-Maçons franceses tornaram-se logo indignos de serem contados entre os membros da grande família maçônica universal.

Foi então que os mestres do Invisível dirigiram a grande reação idealista e forneceram ao Martinismo os meios para adquirir considerável expansão. Assim como Martinez havia adaptado o Swedenborgismo ao meio no qual deveria agir, assim como Saint-Martin e Willermoz tinham também feito as alterações indispensáveis, igualmente o Martinismo contemporâneo adaptou-se a seu meio e à sua época, conservando à Ordem seu caráter tradicional e seu espírito primitivo.

Essa adaptação consistiu sobretudo na união íntima dos sistemas de Saint-Martin e de Willermoz. Os iniciadores livres, criando discretamente outros Iniciadores e desenvolvendo a Ordem pela ação individual, caracterizavam o sistema de Saint-Martin. Os grupos de Iniciados e Iniciadores, regidos por um centro único e constituídos hierarquicamente, caracterizavam o Willermosismo. Eis porque o Martinismo contemporâneo constituiu seu Supremo Conselho, mantendo Iniciadores Livres, assessorando-se de Delegados Gerais, Delegados Especiais, administrando lojas e grupos espalhados atualmente em toda a Europa e América.

Não solicitando a seus membros nenhuma cotização, nem direitos de entrada, não exigindo nenhum tributo regular de suas lojas ao Supremo Conselho, o Martinismo ficou fiel a seu espírito e às suas origens, fazendo da pobreza material sua primeira regra. Desse modo, pôde evitar as irritantes questões de dinheiro, causa dos desastres de certos ritos maçônicos contemporâneos; assim, também, pôde exigir de seus membros um trabalho intelectual elevado, criando escolas, distribuindo seus graus exclusivamente através de exame, abrindo suas portas a todos os que justificarem uma riqueza intelectual ou moral, afastando os ociosos e pedantes que pensam ser alguém apenas tendo dinheiro. O Martinismo ignora a exclusão de membros pelo não pagamento de cotização, desconhece o tronco de solidariedade. Apenas seus chefes são chamados a justificar seu título, participando, segundo seus graus, do desenvolvimento geral da Ordem.

1. FILIAÇÃO MARTINISTA: SAINT-MARTIN, CHAPTAL E DELAAGE²⁰

A organização Martinista em grupos proporcionou-lhe grande dinamismo; ela foi efetuada por um modesto ocultista, fiel à conservação da tradição iniciática do Espiritualismo, caracterizada pela Trindade, e à defesa do Cristo fora de qualquer seita. São essas as características do *Incógnito* a quem foi confiado o depósito sagrado: Henri Delaage, que preferiu ficar fiel à sua iniciação do que fundar uma nova seita não tradicional como fez Rivail (Allan Kardec).

Delaage manteve o respeito ao segredo, nada revelando, a ponto de não falar da origem de sua iniciação em seus livros. Somente aos íntimos falava de coração aberto do Martinismo, cuja tradição

²⁰ São encontrados no livro *l'Appel à l'Humanité*, do Cavaleiro Arson, documentos positivos sobre a existência da Ordem Martinista em 1818. Constata-se que nessa época, a Ordem funcionava em Paris e lutava contra os Templários e seus agentes.

lhe foi transmitida através de seu avô, o Senhor de Chaptal, iniciado pelo próprio Louis Claude de Saint-Martin.

A carta que transcrevemos a seguir justificará esse ponto.

2. SOCIEDADE ASTRONÔMICA DA FRANÇA

Paris, 19 de janeiro de 1899

Ao Sr. Dr. ENCAUSSE
Meu querido Doutor,

Não vejo nenhum inconveniente em vos repetir por escrito o que já vos disse de viva voz, a respeito de Henri Delaage. Encontrei-me freqüentemente com ele, entre 1860 e 1870. Lembro que falava seguido de seu avô (o ministro Chaptal) e de Saint-Martin (o Filósofo Desconhecido), que Chaptal conhecia particularmente. Delaage ocupou-se, juntamente com o Sr. Matter, da doutrina na Livraria Acadêmica Didier, onde o encontrei algumas vezes.

Queria receber, meu caro Doutor, a expressão de meus melhores sentimentos.

FLAMARION

Transcrevemos, agora, duas citações bem características de Delaage, em relação à origem de sua iniciação pessoal.

*“Somos homem de tradição e unimo-nos calorosamente às sublimes instituições do Cristianismo”.*²¹

*“A tradição, ou o conhecimento profundo de Deus, do Homem e da Natureza, é sumamente necessário a todos os povos. O Homem, que a recebeu pela Iniciação e que procura manter-lhe o véu, para torná-la visível a todos os olhos, palpável a todas as mãos, deve preocupar-se em escolher símbolos, alegorias e mitos que se relacionem com os bons costumes, a natureza e os conhecimentos do povo a quem aspira dotar com os benefícios preciosos da Verdade. Sem isso, a revelação nada transmitiria à inteligência e ao coração. Eis que o que é capaz de por alguém na parvoíce e fazê-lo um perfeito cretino, são os símbolos colocados à sua disposição, quando não lhes compreende o sentido; pois, quando se ordena à inteligência de conservar na memória coisas incompreensíveis, impõem-se, inevitavelmente, ao espírito a ordem de suicidar-se”.*²²

*“Afirmamos que no começo do mundo o pecado tinha animalizado o homem, envelopado sua alma com órgãos mortais e materiais, colocando-a em relação com as criaturas mortais da terra, mas limitadíssimas para permitir-lhe estar como antes da Queda, em relação direta com Deus. Dai a razão da luta do Iniciado com os elementos da Natureza, revoltados contra o homem caído: a terra, que triunfa, penetrando em seu seio; a água, atravessando-a; o fogo, passando por ele; o ar, permanecendo nele, impassivelmente suspenso; deriva também daí o combate com a carne pelo jejum e pela castidade, para asujeitá-la; enfim, o renascimento da alma à potência e à luz da vida”.*²³

²¹ DELAAGE, H. *Doctrine des Sociétés Secrètes*. Paris, 1852, p.7.

²² DELAAGE, H. *Doctrine des Sociétés Secrètes*. Paris, 1852, p. 16.

²³ DELAAGE, H. *Doctrine des Sociétés Secrètes*. Paris, 1852, p. 158

Alguns meses antes de sua morte, Delaage quis passar a alguém a semente que lhe tinham confiado, mas dela não esperava nenhum fruto.²⁴ Pobre depósito, constituído por duas letras e alguns pontos, resumo dessa doutrina iniciática que iluminou as obras de Delaage. Mas o Invisível estava presente e foi ele quem se encarregou de religar as obras à sua real origem e de permitir a Delaage confiar sua semente a uma terra onde ela poderia se desenvolver.

As primeiras iniciações pessoais, sem outro ritual que essa transmissão oral de duas letras e de dois pontos, tiveram lugar entre 1884 e 1885, na rua Rochechouart (em Paris). De lá, passaram à rua de Strasbourg, onde os primeiros grupos foram criados. A primeira loja foi constituída na rua Pigalle, onde Arthur Arnould foi iniciado, começando a senda que o afastaria definitivamente do materialismo.

Essa Loja foi em seguida transferida para um apartamento da rua Tour d'Auvergne, onde as reuniões de iniciação foram freqüentemente e frutuosas sob o ponto de vista intelectual. Os cadernos surgiram entre 1887-1890 e foi mais ou menos nessa época que Stanislas de Guaita pronunciou seu belo discurso de iniciação. A partir desse momento o progresso foi bastante rápido.

O grupo Esotérico e a Livraria do Maravilhoso, tão bem criada por um bacharel em direito, membro fundador da loja, Lucien Chamuel, foram fundados em 1891. O Su-premo Conselho da Ordem Martinista foi constituído, como um local reservado às reuniões e às iniciações, primeiro na rua Trevisse n° 29, após na rua Bleue e, finalmente na rua Savoie.

Em seguida, a Ordem constituiu seus delegados e suas lojas, inicialmente na França e nas diversas partes da Europa; mais tarde na América, no Egito e na Ásia.

Tudo isso foi obtido sem que jamais um Martinista pagasse uma quotização qualquer, sem que jamais uma loja tivesse fornecido um tributo regular ao Supremo Conselho. Os fundadores consagraram todos os seus ganhos à sua obra e o Céu lhes recompensou dignamente pelos seus esforços.

O que diferencia particularmente a iniciação de Martinez é o aparecimento do ternário desde o primeiro grau dos Cohens. Há *três colunas* de cores diferentes, dominadas por uma grande luz. Esse ternário, unificado pelo quaternário, desenvolve-se harmonicamente nos demais graus. No segundo grau, a história da Queda e da Reintegração é apresentada ao discípulo. Os graus seguintes servem para afirmar essa *Reconciliação* da criatura com seu Criador.

Todos esses detalhes são necessários, porque os Cadernos Martinistas contemporâneos foram impressos em 1887. Somente oito anos mais tarde foi que o Supremo Conselho tomou conhecimento dos antigos catecismos das lojas lionesas, demonstrando a integralidade da Tradição desde Martinez de Pasqually.

3. CARACTERÍSTICAS DO MARTINISMO CONTEMPORÂNEO

Derivando diretamente do Iluminismo Cristão, o Martinismo acabou adotando seus próprios princípios. Eis porque as nomeações são feitas de cima para baixo: o Presidente da Ordem nomeia o Comitê Diretor, este designa os membros do Supremo Conselho, os De-legados Gerais e administra os negócios correntes. Os Delegados Gerais nomeiam os chefes das lojas, os quais designam seus oficiais e são mestres de suas lojas. Todas as funções são inspecionadas diretamente pelo Supremo Conselho, através de seus inspetores principais e de seus inspetores secretos. Eis a síntese desta organização que pôde, sem dinheiro, adquirir considerável extensão e resistir até o presente todas as

²⁴ Trata-se do próprio Papis. (N. T.)

tentativas de desmoralização, lançadas sucessivamente por diversas confissões e, sobretudo, pelo clericalismo ativo. A Ordem sobreviveu a tudo, mesmo às calúnias lançadas contra seus membros, considerados enviados dos Jesuítas, subordinados ao Inferno ou magos negros. Os Chefes sempre foram prevenidos em relação a essas intrigas e aconselhados sobre a maneira de evitá-las. O sucesso da Ordem vem confirmar a alta origem das instruções recebidas.

É através dos membros do Supremo Conselho que o Martinismo liga-se ao Iluminismo Cristão. A Ordem em seu conjunto é antes de tudo uma escola de cavalaria moral, que se esforça em desenvolver a espiritualidade de seus membros, pelo estudo do Mundo Invisível e de suas Leis, pelo exercício do devotamento e da assistência intelectual e pela criação em cada espírito de uma fé cada vez mais sólida, baseada na observação e na ciência. O Martinismo constitui uma cavalaria da Altruísmo, oposta à liga egoísta dos apetites materiais, uma escola onde se aprende a dar ao dinheiro o seu justo valor, não o considerando como influxo Divino; é, finalmente, um centro onde se aprende a permanecer impassível diante dos turbilhões positivos ou negativos que subvertem a Sociedade! Formando o núcleo real desta universalidade viva, que fará um dia o casamento da Ciência sem divisão com a Fé sem atributos, o Martinismo esforça-se em tornar-se digno de seu nome, criando escolas superiores de ciências metafísicas e fisiogônicas, desdenhosamente separadas do ensino clássico, sob pretexto de serem ocultas.

Os exames instituídos nessas escolas abrangem: o simbolismo de todas as tradições e de todas as iniciações; as chaves hebraicas e os primeiros elementos da língua sânscrita, permitindo aos Martinistas aprovados nos exames explicar sua tradição a muitos Franco-Maçons dos altos graus e mostrar que os descendentes dos Iluminados permaneceram dignos de sua origem.

Tal é o caráter do Martinismo. Compreende-se que é impossível encontrá-lo integralmente em cada um dos membros da Ordem, pois cada iniciado representa uma adaptação particular dos objetivos gerais. Mas esta época de ceticismo, de adoração da fortuna material e do ateísmo tem grande necessidade de uma reação francamente cristã, ligada sobretudo à ciência e independente de todos os cleros, sejam católicos ou protestantes. Em todos os países onde penetrou, o Martinismo salvou da dúvida, do desespero e do suicídio muitas almas; trouxe à compreensão do Cristo muitos espíritos que as manipulações clericais e seu objetivo de baixo interesse material, isto é, de adoração de César, tinham distanciado de toda fé. Após ter feito isso, não importa se caluniem, difamem ou excomunguem o Martinismo ou seus chefes. A Luz atravessa os vidros mesmo imundos e ilumina todas as trevas físicas, morais e intelectuais.

4. OS ADVERSÁRIOS DO MARTINISMO E SUAS OBJEÇÕES

Apesar dos fracos recursos materiais, os progressos da Ordem Martinista fo-ram rápidos e consideráveis. Mas seu sucesso originou três tipos de adversários: 1º - os mate-rialistas ateus, representantes do Grande Oriente da França; 2º - os clérigos; 3º - as sociedades e indivíduos que combatem o Cristo e procuram diminuir sua obra, aberta ou ocultamente. A partir daí surgem inúmeras objeções, mal-entendidos e calúnias que devem ser denunciados a fim de permitir aos membros da Ordem destruí-las.

4.1 OS MATERIALISTAS

Os Materialistas, após terem acusado os Martinistas de Jesuítas, alienados, - *“sonhadores de outra era que nada podem fazer no século da luz e da razão”* - ficaram admirados pelo rápido progresso dessa Ordem e procuraram copiar a organização dos *“Grupos Martinistas”* sem bons resultados; imaginaram formar *“grupos de jovens ateus”* ligados ao sistema eleitoral do Grande Oriente.

Foi então que se ativeram ao problema financeiro. Uma Ordem que avança muito rapidamente deveria tornar-se muito onerosa a seus fundadores. Com quanto seus membros contribuem mensalmente? Nada... Quanto custam os diplomas dos Delegados? Na-da... Quem paga as despesas de impressão, de correio, de secretaria e dos diplomas, necessá-rias a movimentação de tal organismo? Os chefes. Estes não poderão, pois, serem acusados de obterem lucro com um movimento ao qual consagraram a maior parte de suas rendas. En-tretanto, as “*peçoas práticas*” acabaram por se persuadirem que os Martinistas são pelo me-nos muito convencidos.

4.2 OS CLÉRIGOS

Os ataques dos clérigos são mais desleais e mais diretos. Abandonando toda questão material, atem-se aos espírito. Apesar de todas as afirmações e evidências contrárias, lhes é impossível admitir que os ocultistas (e nós em particular) não consagrem ao diabo algum culto secreto. Por conseguinte, os Martinistas devem ocultar seu objeto; todos aqueles que ousam defender o Cristo, mantendo em seu devido lugar o clero que o vende todos os dias ao mercador do templo, livram-se, segundo esses bons clérigos, às mais terríveis evocações de Satã e de seus mais ilustres demônios.

É muito difícil convencer escritores clericais que o clero e Deus possam agir independentemente um do outro; que podemos perfeitamente admitir a bondade de Deus e a cobiça material do clero (que age dizendo ser em seu nome), sem confundir-lhes um instante. Segundo eles, atacar um inquisidor é atacar a Deus.

Os Martinistas querem ser Cristãos, livres de toda dependência clerical; as acusações de satanismo lhes farão balançar os ombros, pedindo perdão ao Céu para aqueles que os caluniam injustamente.

Ouviremos novamente a esse respeito a grande farsa de Léo Taxil sobre o tema dos “ocultistas diabólicos”? Veremos sob seu verdadeiro aspecto essa bizarra sociedade secreta do *Labarum*, cujos dignatários nos são conhecidos? Ouviremos quanto Taxil deve estar disposto a montar uma nova mistificação baseada na “maçonaria feminina”? Não seria melhor tolerar o insulto, a calúnia, o descrédito, sem responder de outra maneira a não se pelo perdão e pelo esquecimento?

Cada novo ataque, sendo injusto e vil não fica jamais sem recompensa e vale ao Martinismo um novo sucesso. Eis a verdadeira manipulação das leis ocultas e o verdadeiro uso das faculdades espirituais do homem. Quando acusamos os escritores clericais de enganar o público ingênuo, que aceita suas afrontas, e de empregar processos polêmicos, indignos do autor de respeito, poder-se-ia acreditar que existe de nossa parte certa animosidade e tendência ao exagero. Para evitar essa dúvida, iremos submeter ao próprio leitor alguns desses processos, para seu julgamento. Escolheremos a última deslealdade cometida. O autor ficará certamente muito feliz por ser apresentado ao público. Chama-se Antonini, professor do Instituto Católico de Paris, e seu livro intitula-se *A Doutrina do Mal*.

Nessa obra, fala-se muito de Satã, de Lúcifer, do Diabo e se culto secreto. Entretanto, falta a esse autor a veia do excelente Taxil; ele é, ademais insosso e sem imaginação. Não temos mais esse bom Bitru, de quem Taxil extraiu parte do apêndice para oferecê-lo aos Jesuítas, que o aceitaram com reconhecimento. Fica bem entendido que os ocultistas (benzei-vos), e em particular vosso servidor, passam uma parte de seu tempo em companhia do Diabo, fazendo anagramas, dos quais o Sr. Antonini tem bastante dificuldade em encontrar a chave. Mas vejamos uma pequena amostra dessa prosa:

“*Aulnaye, Eliphas Levi, Desbarolles, Stanislas de Guaita, para não citar mais do que esses iniciados, reconhecem que luz Astral significa LUZ DA TERRA, chamada as-tral porque a terra é um astro. Sobre o que é fundamentada tão estranha alegação? A declara-ção dos iniciados passa*

geralmente desapercibida, ou então, faz rir. E, entretanto, constitui a confissão mais grave e mais conclusiva de seu ensinamento”.

“Denominam a terra um astro porque engloba A GRANDE ESTRELA CAÍ-DA DOS CÉUS, como o Apocalipse denomina Lúcifer o arcanjo portador da luz e precipita-do no FOGO central da terra, por ter querido igualar-se a Deus.”²⁵

Analisemos essas passagens:

4.3 LUZ ASTRAL SIGNIFICA LUZ DA TERRA

Antonini, tendo grande dificuldade em citar as palavras exatas de seus autores, não procurou justificar a presente citação com uma referência real, porque ela é simplesmente idiota. Ele sai do embaraço inventando a citação, permitindo-lhe dizer as extravagâncias seguintes:

“A Terra contém uma estrela! Oh! meus professores de Astronomia! Onde está este Sol, pois uma estrela é um sol; se creio em meu amigo e mestre Flamarion, onde está esse Sol, caído sobre a terra, eis que deve ser bem maior que ela, onde está esse monstro Sol que não se vê mais?...”

Esse Sol, meus amigos, é um arcanjo; esse arcanjo é Lúcifer e Lúcifer está no fogo central da Terra, e a Terra não explodiu ao receber esse novo Sol em seu seio! Eis como os Ocultistas confessam que são satanistas! Isso é muito simples e essa é a base da argumentação de Antonini. Não podemos mais ser amáveis.

4.4 OS ADVERSÁRIOS DO CRISTO

Os Clérigos acusam, pois, os Martinistas de evocar Satã ou algum outro demônio em suas reuniões secretas, que jamais existiram a não ser em sua imaginação. Outras sociedades que pretendem estudar o Ocultismo e “desenvolver as faculdades latentes no homem”, sem crer, de resto, na existência do diabo, hipocritamente fazem circular cartas acusando os Martinistas de praticar “Magia Negra”.

Ora, a prática da Magia Negra consiste em fazer o mal consciente e covardemente; nada é mais distanciado do objetivo e dos processos essencialmente cristãos do Martinismo de todos os tempos. Os Martinistas não praticam magia, nem a branca, e muito menos a negra. Estudam, oram e perdoam as injúrias da melhor maneira possível.

Os Rosa-Cruzes sempre combateram os feiticeiros, aproveitadores da ignorância e do ceticismo popular, para exercerem seus poderes sobre vítimas inocentes, prevenindo abertamente a todos aqueles a quem tinham dado “o batismo da luz”. Esse trabalho foi sempre oculto, realizado através da prece.

Os Martinistas, como os Rosa-Cruzes, sempre defenderam a verdade, agindo sem subterfúgios, publicando seus atos e suas decisões. Pelo contrário, aqueles que difamam na sombra, ocultando-se quando se vêm descobertos, escrevendo circulares hipócritas e caluniando sornateiramente os Martinistas, temendo sua lealdade, não merecem senão a piedade e o perdão. Vendo as faculdades latentes manifestadas através desses processos, somos levados a mostrar a esses homens que a Magia Negra começa pela difamação anônima, tão geradora de larvas no plano mental quanto a baixa feitiçaria do camponês iletrado no plano astral.

²⁵ ANTONINI. *Doutrina do Mal*, p. 16.

5. LUGARES ONDE O SUPREMO CONSELHO DA ORDEM MARTINISTA É OFICIALMENTE REPRESENTADO POR SEUS DELEGADOS GERAIS E SUAS LOJAS.²⁶

A sede do Supremo Conselho da Ordem Martinista encontra-se em Paris, com três lojas (Hermanubis, Esfinge e Voluspa). A França é dividida em 14 delegações, cujos delegados têm sua sede nas seguintes cidades:²⁷

- Nº 1 (Chartres), Beauvais;
- Nº 2 (Lille), Abbeville;
- Nº 3 (Caen), Le Havre;
- Nº 4 (Nancy), Châlons-sur-Marne;
- Nº 5 (Rennes), Nantes;
- Nº 6 (Poitiers), La Roche -sur-Yon;
- Nº 7 (Bordeaux), Pau;
- Nº 8 (Toulouse), Cahors;
- Nº 9 (Montpellier), Perpignan;
- Nº10 (Marseille), Nice e Algerie;
- Nº11 (Lyon), Roanne;
- Nº12 (Dijon), Troyes;
- Nº13 (Clermont-Ferrand), Tulle;
- Nº14 (Grenoble), Valence.

Cada uma dessas delegações dirige lojas ou grupos.

PAÍSES	NÚMERO DE DELEGAÇÕES	
	GERAL	ESPECIAL
Itália	1	1
Suécia	1	3
Alemanha	1	3
Suíça	1	1
Inglaterra	1	-
Bélgica	1	2
Espanha	1	-
Holanda	-	1
Dinamarca	1	1
Áustria/Hungria	1	2
Rússia	1	-
Romênia	1	1
Egito	1	3
Tunísia	1	-
Senegal	-	1
Cuba	1	-
Indochina	-	1
Haiti	-	1
América do Norte	Soberano Delegado Geral, Grande Conselho e Delegações Especiais em todos os Estados.	

²⁶ Trata-se da organização da Ordem Martinista do tempo de Papus. (N.T.)

²⁷ A sede central da Delegação está indicada entre parêntesis e uma das sedes secundárias logo após. Inúmeros Delegados Especiais têm suas sedes em outras cidades.

América do Sul e América Central	Delegados Gerais e Delegações Especiais, para a República Argentina e Guatemala
----------------------------------	---

Para evitar qualquer indiscrição, suprimimos o nome da cidade onde se encontra a sede das diversas delegações no exterior.

6. ÓRGÃOS DA ORDEM MARTINISTA

Possuímos uma revista mensal de cem páginas: *L'initiation*, editada em Paris. É o órgão oficial da Ordem Martinista.²⁸ Editamos igualmente um jornal semanal de oito páginas in-4: *Le Voile d'Isis* e um boletim mensal autografado e reservado aos Delegados: *Psiquê*.

No exterior, a Ordem Martinista dispõe, através de seus Delegados, de órgãos especiais nos seguintes idiomas: inglês, alemão, espanhol, checoslovaco e sueco.

7. AFILIAÇÕES DA ORDEM MARTINISTA

A Ordem Martinista é afiliada aos seguintes órgãos e ordens:

- União Idealista Universal (Internacional);
- Ordem Cabalística da Rosa-Cruz (França);
- Grupo Independente de Estudos Esotéricos (França);
- Ordem dos Iluminados (Alemanha);
- Sociedade Alquímica da França (França);
- Universidade Livre de Altos Estudos (Fac. de Ciências Hermét.) - (França);
- Babistas (Egito, Pérsia, Síria);
- Sociedades Chinesas (Em negociação em 1891).

CAPÍTULO IV

A FRANCO-MAÇONARIA

1. MARTINISMO E FRANCO-MAÇONARIA

Os escritores que se ocuparam do Martinismo, sobre tudo os clérigos, confundiram muitas vezes com uma má fé voluntária o Martinismo com a Franco-Maçonaria. O Martinismo, não exigindo nenhum juramento de obediência passiva de seus membros e não lhes impondo nenhum dogma (muito menos o dogma materialista ou clerical) deixa-lhes inteiramente livres em suas ações; ele é independente da Franco-Maçonaria como ordem, tal como é praticada atualmente na França.

Como toda a ordem de iluminados, o Martinismo dá acesso, em algumas reuniões, a Franco-Maçons instruídos (sobretudo a membros do Rito Escocês) quando possuem pelo menos o grau 18 (Rosa-Cruz); mas essas relações limitam-se a uma simples questão de delicadeza. Os Martinistas

²⁸ A Revista *L'Initiation*, fundada por Papus em 1888, foi recolocada em circulação a partir de 1953 por Philippe Encausse, filho de Papus. Substituída *Cadernos de Documentação Esotérica Tradicional*, esse revista, de mais ou menos 60 páginas, circula trimestralmente e é o órgão da Ordem Martinista na França. Para toda informação no que diz respeito a assinatura e aquisição de exemplares já publicados, dirigir-se ao Dr. Philippe Encausse, ou ao Sr. Michel Leger, no seguinte endereço: 5, Rue Victor Considérant, 75014 Paris, França. (N.T.)

contemporâneos não agem de maneira diversa nas mesmas circunstâncias, como agiram seus antepassados dos Conventos de Gaules e de Wilhemsbadt.

Portanto o nome cabalístico do Cristo e o reconhecimento do Verbo Criador na mente, em todos os seus atos, o Martinismo só pode manter relações com potências maçô-nicas que trabalhem segundo a constituição dos Rosa-Cruzes Iluminados, que fundaram a Franco-Maçonaria. todo rito que subtrai Deus de suas pranchas e transforma, sem referências tradicionais, o simbolismo que lhe confiaram, não existe mais para os Martinistas, assim como também para todos os iniciados de um centro real e sério.

Eis porque o Grande Oriente da França, que está distanciado da verdadeira e universal Franco-Maçonaria, não deve ser confundido com o Martinismo, como os clérigos procuram fazer. Isso nos induz a expor a situação atual dos diferentes ritos da Franco-Maçonaria francesa, traçando sua história.

A Franco-Maçonaria compreende, na França, três Ritos:

1º - **O GRANDE ORIENTE DA FRANÇA**, o mais potente, na França, pelo número de lojas e de membros, rito materialista e ateu pelo espírito e pela ação, causa real da decadência momentânea de nosso País;

2º - **O RITO ESCOCÊS**, dividido em duas seções:

- a) O Supremo Conselho e suas Lojas, que admite os Altos Graus Maçônicos;
- b) A Grande Loja Simbólica Escocesa, Federação de Antigas Lojas Escocesas, que não admite Altos Graus.

Em 1897, um acordo estabelecido entre essas duas seções deu nascimento à **GRANDE LOJA DA FRANÇA**. Caráter desse rito: espiritualismo eclético. É por este rito que a França liga-se aos ritos de outros países.

3º - O Rito de Misraim, decadente, caiu no ridículo por não ter nem vinte membros para constituir suas lojas, seu capítulo e seu areópago.

Retomemos rapidamente a história de cada rito:

2. A FRANCO-MAÇONARIA DESDE SUA CRIAÇÃO ATÉ 1789

2.1 O GRANDE ORIENTE E SUAS ORIGENS

O Grande Oriente da França nasceu de uma insurreição de alguns de seus membros contra as constituições e a hierarquia tradicionais da Franco-Maçonaria. Algumas linhas de explicação são aqui necessárias.

A Franco-Maçonaria foi fundada na Inglaterra por homens que faziam parte de uma das potentes fraternidades secretas do Ocidente: a *Confraria dos Rosa-Cruzes*. Esses homens, sobretudo Ashmole, tiveram a idéia de criar um centro de propaganda onde pudessem formar, sem que se soubesse abertamente, membros instruídos para a Rosa-Cruz. Assim, as primeiras lojas maçônicas foram mistas e compostas por obreiros reais e por obreiros da inteligência (livres maçons). Os primeiros trabalhos de Ashmole datam de 1646; mas foi somente em 1717 que a Grande Loja de Londres foi constituída. Foi essa Loja quem forneceu as cartas regulares às Lojas francesas de Dunkerque (1721), Paris (1725), Bordeaux (1732) etc...

As lojas de Paris multiplicaram-se rapidamente, nomearam um Grão-Mestre para a França, o Duque D'Antin (1738 a 1743), sob influência do qual foi idealizada e publicada a Enciclopédia, como veremos adiante. Eis a origem real da revolução realizada inicialmente no plano intelectual, passando após ao plano formal.

Em 1743, o Conde de Clermont sucedeu ao Duque d'Antin como Grão-Mestre e tomou a direção da *Grande Loja Inglesa da França*. Esse conde de Clermont, muito negligente para ocupar-se seriamente dessa sociedade, nomeou substituto um mestre de dança, *Lacorne*, indivíduo intrigante e de costumes deploráveis. Esse Lacorne fez entrar nas lojas grande quantidade de indivíduos de sua espécie, o que originou a cisão entre a loja constituída por Lacorne (*Grande Loja Lacorne*) e os antigos membros que formavam a *Grande Loja da França* (1756).

Após uma tentativa de reconciliação entre as duas facções rivais (1758), o escândalo tornou-se tão grande que a polícia interveio e fechou as lojas de Paris.

Lacorne e seus adeptos aproveitando-se desse acontecimento, obtiveram o apoio do Duque de Luxemburgo (15 de junho de 1761).²⁹ Fortes por esse apoio, conseguiram entrar na Grande Loja de onde tinham sido banidos. Fizeram nomear uma comissão de controle, cujos membros foram previamente comprados. Ao mesmo tempo, os irmãos do Rito Templário (Conselho dos Imperadores) associaram-se em segredo às intrigas dos comissários e, em 24 de dezembro de 1772, um verdadeiro golpe de estado maçônico foi dado pela supressão da inamovibilidade dos presidentes das Lojas e pelo estabelecimento do regime representativo. Revoltados vitoriosos fundaram, desse modo, o *Grande Oriente da França*. Um maçom contemporâneo pode escrever: “*Não é demais dizer que a revolução maçônica de 1773 foi a precursora e o estopim da Revolução de 1789*”.³⁰

O que se faz necessário enfatizar é a ação secreta dos irmãos do Rito Templário. Foram eles os verdadeiros fomentadores das revoluções; os demais não passaram de dóceis agentes. Assim, o leitor poderá compreender nossa afirmação: O Grande Oriente nasceu de uma insurreição. Retornemos sobre dois pontos: a) *A Enciclopédia* (Revolução Intelectual); b) *A História do Grande Oriente de 1773 a 1789*.

2.2 A ENCICLOPÉDIA

Dissemos que os fatos sobre os quais os historiadores baseiam-se foram, na maioria dos casos, consequência de ações ocultas. Ora, pensamos que a revolução não seria possível se esforços consideráveis não tivessem sido feitos precedentemente, para orientar em um novo caminho a intelectualidade da França. É agindo sobre os espíritos cultivados, criadores da opinião, que se prepara a revolução social. Iremos encontrar, agora, uma prova decisiva sobre esse fato.

Em 25 de junho de 1740, o Duque D'Antin, Grão-Mestre da Franco-Maçona-ria da França, pronunciou um importante discurso no qual anunciou o grande projeto em curso, como demonstra a seguinte citação:

“Todos os Grão-Mestres da Alemanha, Inglaterra, Itália e de outros lugares, exortam todos os sábios e artesãos da confraternidade a se unirem para fornecer os materiais de um dicionário universal das artes liberais e das ciências úteis, exceto teologia e política. Já se começou a obra em Londres; e pela reunião de nossos confrades, poder-se-á conduzi-la à perfeição em poucos anos”.

²⁹ Veja RAGON. *Ortodoxia Maçônica*, p. 56.

³⁰ AMIABLE e COLFAVRU, *Op. Cit.*

Amiable e Colfavru, em seus estudos sobre a Franco-Maçonaria no séc. XVIII, compreenderam perfeitamente a importância desse projeto, pois, após terem falado da *Enciclopédia Inglesa* de Chambers (Londres 1728), acrescentam:

“Bem mais prodigiosa foi a obra publicada na França, contendo 28 volumes in-fólio, sendo 17 com texto de 11 com gravuras, aos quais foram acrescentados, em seguida, cinco volumes suplementares, obra cujo autor principal foi Diderot, secundado por uma plêiade de escritores de elite. Mas não lhe bastava ter colaboradores para a boa execução de sua obra; foi-lhe necessário potentes protetores. Como poderia ter sido protegido sem a Franco-Maçonaria?”

“Além disso, as datas aqui são demonstrativas: O Duque D’Antin pronunciou seu discurso em 1740; sabe-se que, desde 1741 Diderot preparava sua grande empresa. O privilégio indispensável à publicação foi obtido em 1745. O primeiro volume da Enciclopédia apareceu em 1751”.

Assim a revolução já se manifestava em duas etapas: a) *Revolução Intelectual*, originada da *Enciclopédia*, com apoio da Franco-Maçonaria Francesa, sob a alta impulsão do Duque D’Antin (1740); b) *Revolução Oculta* nas lojas, promovida em grande parte pelos membros do Rito Templário e executado por um grupo de Franco-Maçons expulsos, depois anistiados do Duque de Luxemburgo (1773) e presidência do Duque de Chartres.

A revolução patente na sociedade, isto é, a aplicação à sociedade das consti-tuições das lojas não tardou. Retomemos a história do Grande Oriente no ponto onde a deixamos. Uma vez constituída, a nova potência maçônica apelou a todas as lojas para ratificar a nomeação do Duque de Chartres como Grão-Mestre.

Ao mesmo tempo (1774), o Grande Oriente instalava-se no antigo noviciado dos Jesuítas, à rua do Pot-de-Fer, procedendo à expulsão das ovelhas sarnentas. Centro e quatro lojas aderiram ao novo estado de coisas; mais tarde, 195 (1776); finalmente, em 1789 havia 629 lojas em atividade.

Mas uma foto, em nossa opinião considerável, produziu-se em 1786. Os capítulos do Tiro Templário tornaram-se oficialmente aliados ao Grande Oriente, chegando a fundir-se com ele. Vimos como os irmãos desse rito ajudaram na revolta de onde nasceu o Grande Oriente. Passemos a resumir, agora, a história do Rito Templário.

2.3 O RITO TEMPLÁRIO E O ESCOCISMO

A Franco-Maçonaria, como vimos, foi estabelecida na Inglaterra por membros da Fraternidade dos Rosa-Cruzes, desejosos de constituir um centro de propaganda e recrutamento para sua ordem. A Franco-Maçonaria Inglesa possuía somente três graus: Aprendiz, Companheiro e Mestre. Em razão disso, a Franco-Maçonaria Francesa e o Grande Oriente, seu ramo principal, eram formados por membros possuidores apenas dos três primeiros graus. Mas, logo determinados homens pretenderam ter recebido uma iniciação superior, de acordo com os mistérios da fraternidade dos Rosa-Cruzes. Os ritos criaram-se concedendo graus superiores ao grau de Mestre, chamados altos graus.

O espírito dos ritos dos graus superiores, assim criados, era naturalmente diferente daquele da maçonaria propriamente dita. Foi assim que RAMSAY instituiu o *Sistema Escocês*, cuja base era

política e cujo ensinamento tendia a fazer de cada irmão um vingador da Ordem do Templo.³¹ Eis porque demos o nome de Rito Templário a essa criação de RAMSAY.

As reuniões dos irmãos detentores de altos graus passaram a denominar-se não mais lojas, mas capítulos. Os principais capítulos estabelecidos na França foram:

1º - *O Capítulo de Clermont* (Paris 1752), de onde saiu o Barão de Hunt, criador da alta maçonaria alemã ou iluminismo alemão;

2º - Após o capítulo de clermont, nasceu o *Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente* (Paris, 1758), do qual certos membros, separando-se de seus irmãos, formaram:

3º - *Os Cavaleiros do Oriente* (Paris, 1763), cada uma dessas potências expediu cartas de lojas e os principais irmãos (Tshoudy, Boileau, etc.) criaram ritos especiais no interior da França.

Em 1782, o Conselho dos Imperadores e os Cavaleiros do Oriente uniram-se para formar o *Grande Capítulo Geral da França*, cujos principais membros tinham ajudado na constituição do Grande Oriente por suas intrigas. Assim, também vemos em 1786, esses irmãos realizarem a fusão do *Grande Capítulo Geral da França*. Qual foi o resultado dessa fusão? Os membros do Grande Capítulo, bem disciplinados, perseguindo um objetivo preciso e sendo *inteligentes*, puderam dispor do *número* fornecido pelo Grande Oriente.

Compreende-se agora a gênese maçônica da Revolução Francesa. A maior parte dos historiadores confunde esses membros do Rito Templário, verdadeiros inspiradores da revolução,³² com os Martinistas.

3. A FRANCO MAÇONARIA DE 1789 A 1898

3.1 HISTÓRICO

Seguimos a história do Grande Oriente e do Rito Templário até 1789; continuemo-la até nossos dias.

a) *Grande Oriente* - O Grande Oriente possui a tradição mais ou menos integral dos três primeiros graus e após 1786, detém igualmente a tradição dos graus templários e de outros graus formando a Maçonaria de perfeição com 25 graus, analisada a seguir. Um grande colégio de ritos foi encarregado de conservar essa tradição que permitia realizar os maçons saídos do Grande Oriente com os do resto do universo.

Em 1804, um acordo foi estabelecido, durante alguns meses, que concedia ao Grande Oriente o poder de conferir os graus 31, 32, 33 por intermédio do Rito Escocês, do qual falaremos adiante.

³¹ Em 19 de março de 1314, Jacques de Molay, Grão-Mestre da Ordem do Templo, foi queimado numa pequena Ilha do Sena, em Paris, por ordem do rei da França, Philippe, o Belo, com o consentimento do Papa Clemente V. A Ordem do Templo foi exteriormente destruída e seus bens confiscados pelo rei da França. A Ordem, no entanto, permaneceu oculta, sendo continuada na Escócia sob a direção do Cavaleiro D'Aumout. Este, segundo S. de Guaita, teria constituído as bases da Franco-Maçonaria e continuado a iniciação oculta, que mais tarde tomou o nome de fraternidade Rosa-Cruz. (N.T.)

³² Alguns autores pretendem que o internamento de Luis XVI, no Templo, foi decidido pelos irmãos do Rito Templário.

Mas sob pretexto de livrar a Franco-Maçonaria das superstições e dos erros do passado, os membros do Grande Oriente, instigados pelos deputados das Lojas do interior, cada qual mais ignorante do valor dos símbolos, transformaram ao gosto da multidão eleitoral o legado que lhes tinham confiado e tornaram-se um centro de política ativa, professando abertamente o materialismo e o ateísmo.

Em 1885, a transformação estendeu-se ao Colégio dos Ritos, ainda depositário de um resto de tradição. O elo que unia a maior parte dos maçons franceses ao resto do universo foi definitivamente rompido.

No momento em que tinha maior necessidade de estender sua influência ao exterior, exercer uma vigilância efetiva na ação das potências estrangeiras no interior dos centros maçônicos de outros países, a França estava excluída da comunidade maçônica internacional por culpa do Grande Oriente. Por ocasião da Exposição Universal de Chicago, quando o presidente do novo Conselho dos Ritos (o mais alto oficial do Grande Oriente) apresentou-se à porta das Lojas americanas, foi colocado na rua como um vulgar profano, como na realidade ele era, para os verdadeiros maçons.

Eis o teor de tão grave ato cometido em 1885:

“Por decreto promulgado em 9 de novembro de 1885, o Grande Oriente da França, conforme decisão tomada em 31 de outubro último pela Assembléia Geral das Lojas Simbólicas da Obediência, ordena a dissolução do Grande Colégio dos Ritos e encarrega o Conselho da Ordem de velar por sua reconstituição”. O grande chanceler protestou da seguinte maneira, mas em vão: “Vós me enviastes uma ampliação do decreto da Assembléia Geral das Lojas Simbólicas, com data de 31 de outubro último (1885), pronunciando a dissolução do Soberano Conselho dos Grandes Inspetores Gerais do Rito Escocês Antigo e Aceito, que sob o título de Grande Colégio dos Ritos, constitui, no seio do Grande Oriente da França, o Supremo Conselho para a França e Colônias Francesas”.

“Esta decisão, que sob pretexto de reorganização, derrubou todos os princípios e todas as tradições da Franco-Maçonaria Universal, é absolutamente ilegal pela incompetência de todos aqueles que a tomaram”.

FERDEUIL

(Grande Chanceler do Grande Conselho dos Ritos)

Todos os esforços possíveis foram feitos no Grande Oriente para ocultar aos irmãos que entravam na Ordem a maneira pela qual os membros desse rito são julgados no exterior e tomou-se o cuidado de dizer-lhes que não seriam recebidos em nenhuma parte uma vez saídos da França ou de qualquer uma de suas colônias. As grandes palavras de razão, superstição esmagada, princípios de liberdade, etc., substituem as tradições da Maçonaria Universal. Esses grandes simplórios ficam ainda bem lisonjeados quando um maçom de origem estrangeira vem, *como visitante*, verificar se a separação da França e do resto do mundo ainda continua. Recebe-se o visitante com grandes honras, mas este, retornando, esforçar-se-á em colocar na rua o venerável da loja francesa, se ousar apresentar-se, por seu turno, a uma reunião em seu país.

Assim, o Grande Oriente está destinado a desaparecer, mesmo com sua prosperidade aparente, se não retornar rapidamente a uma melhor compreensão dos interesses reais do País.

Terminaremos esta exposição, citando algumas palavras de Albert Pike: “*O Grande Oriente da França esteve sempre nas mãos dos três “I”: Ignorantes, Imbecis e Intrigantes*”.³³

3.2 O ESCOCISMO

Em 1786, o Rito Templário fundiu-se com o Grande Oriente. Esse Rito Templário era composto de 25 graus; deixando de lado seu objetivo de vingança política, era de fato um rito de perfeição, onde os maçons ordinários foram levados a conhecer alguns ensinamentos concernentes à tradição cabalística dos Templários.

Ora, em 1761, isto é, antes da fusão com o Grande Oriente, o Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente tinha dado a um judeu denominado Morin os poderes necessários para estabelecer o sistema templário na América, para onde esse tal Morin deslocou-se.

Quando Morin chegou ao seu destino, apressou-se em dar o 25º grau a muitos de seus camaradas, os quais em comum acordo com ele, iniciaram por sua vez inúmeros cristãos em 1797.

Quando os novos iniciados sentiram-se suficientemente fortes colocaram seu iniciador na rua e, separando-se dele, acrescentaram 8 graus herméticos aos 25 já existentes, o elevou o número de graus do sistema escocês a 33. Foi assim que fundaram em Charleston, em 1801, um Supremo Conselho que deveria, em seguida, conquistar uma grande influência. Por que esse número de 33 graus? Um antigo maçom, possuidor desse grau, Rosen, disse que esse número representa o grau de latitude de Charleston, e isso pode ser maliciosamente verdadeiro; pois, como veremos, o número de graus pouco importa, desde que o sistema maçônico seja realmente sintético.

A relação dos presidentes do Rito Escocês da América, desde seu nascimento, é a seguinte:

MAÇONARIA DE PERFEIÇÃO DE 25 GRAUS		RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO DE 33 GRAUS	
MORIN (1761)	→	FRANKEN	Reunidos em Charleston (Carolina do sul, USA), em 31 de maio de 1801 fundaram o SUPREMO CONSELHO
↙	↓	
DR.D'ALCHO	↓	MOSES COHEN	
	↓	ISAAC LONG	
	↓	DE LA MOTTE	
		BOWEN	
03 DE MAIO DE 1797	DE LA HOGUE - DE GRASSE TYLLY CROZE - MAGNAN - SAINT PAUL ROBIN - PETIT - MARIE	DIEBEN ALEXANDER DE LA HOGUE	

³³ Carta de Albert Pike ao Visconde de Jonquière.

Conta-se entre nomes *Grasse-Tilly*. Foi ele quem retornou à Europa em 1804, trazendo o sistema de 33 graus, com o poder de constituir areópagos. Foi precedido de alguns meses por outro iniciado direto de Morin, um tal de Hacquet, cuja tentativa não gerou nada imediato.

Grasse-Tilly e os irmãos que tinha iniciado fizeram um acordo com o Grande Oriente em 1804; esse tratado foi rompido por *comum acordo* em 6 de setembro de 1805. Sublinhamos esse “comum acordo” e enviamos o leitor a Ragon (ortod. Maç., p.313) para os detalhes que provam em oposição ao que diz Rosen em seu livro (*Satã e Cia.*), que não houve histórias de dinheiro nesse negócio.

O que se infere de tudo isso, é que os pretensos graus maçônicos dados por Frederico da Prússia são de invenção de Bailache, em colaboração com Grasse-Tilly.

Entre 1806 e 1811, o Supremo Conselho fundado por Grasse-Tilly só expedia os mais altos graus, 31º, 32º e 33º, deixando ao cargo do Grande Oriente a expedição dos demais. Em 1811, o Supremo Conselho declara-se independente. Em 1815, De Grasse-Tilly retornou dos “Pontons” ingleses e fundou um novo Supremo Conselho. O antigo Supremo Conselho colocou Grasse-Tilly em julgamento e o condenou. Mas o novo Supremo Conselho, presidido pelo Duque Decaze, tomou uma tal importância que em 1820 o antigo uniu-se a ele e em 1821 foi constituído o *Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito para a França e suas Colônias*.

Em 1875 teve lugar em Lausana um convento importantíssimo dos diversos Supremos Conselhos Escoceses. Em 1879, algumas lojas escocesas de Paris separaram-se do Supremo Conselho, protestando contra a existência dos altos graus e fundaram a *Grande Loja Simbólica Escocesa*, que se tornou mais tarde muito potente.

Durante esse tempo, os negócios do Supremo Conselho iam mal e a penúria de fundos tornou-se tal que em 1897 o Supremo Conselho teve que ceder um pouco e entender-se com as lojas rebeldes. Segundo esse entendimento, o Supremo Conselho passou à Grande Loja Simbólica todas as suas lojas e guardou somente os capítulos e areópagos. Assim se constituiu a Grande Loja da França, que cometeu logo um grave erro com a supressão da menção do Grande Arquiteto em suas pranchas o que permitiu cortar o fraco elo de ligação que ainda unia a França ao estrangeiro.

3.3 O RITO DE MISRAIM

O que podemos dizer do último rito que nos resta falar, o *Rito de Misraim*? Eis como Clavel relata sua fundação:

“Foi em 1805 que vários irmãos de costumes desacreditados, não podendo ser admitidos na composição do Supremo Conselho Escocês, fundado nesse mesmo ano em Milão, imaginaram o regime misraimita. Um irmão, Lechangeur, foi encarregado de recolher elementos, classificá-los, coordená-los e redigir um projeto de estatutos gerais. No início, os postulantes só podiam chegar ao 87º grau. Os três outros, que completavam o sistema, foram reservados aos Superiores Incógnitos, os nomes desses graus foram ocultados aos irmãos dos graus inferiores. Foi com essa organização que o Rito de Misraim espalhou-se no reino da Itália e Nápoles. Ele foi adotado sobretudo por um capítulo da Rosa-Cruz, chamado “La Concorde” que tinha sua sede nos Abruzzes. Na parte inferior de um diploma expedido em 1811 pelo capítulo ao irmão B. Clavel, comissário das guerras, figura a assinatura de um dos chefes do rito, o irmão Marc Bedarride, que

na época só tinha o grau 77°. Os irmãos Lechangeur, Joly e Bedarride trouxeram para a França, em 1814, o *Misraimismo*".³⁴

Após 1814, o rito se enfraqueceu rapidamente. Atualmente possui em Paris no máximo vinte membros, constituindo sua única loja, seu capítulo e seu areópago; estando praticamente excluído da Maçonaria Universal.

3.4 GRANDE ORIENTE E ESCOCISMO

É muito curioso ver os que transformam completamente o depósito de tradições e de símbolos, que lhes foram confiados, desconhecem os caracteres da grande frater-nidade universal da Franco-Maçonaria ao ponto de se tornarem indignos de todas as iniciações da terra. É curioso, repito, ver os descendentes de Lacorne tomar grande ares de dignidade para solicitar aos irmãos do Rito Escocês seus arquivos e sua Filiação.

Através de Grasse-Tilly, Francken e Morin, os maçons escoceses ligam-se diretamente a Ramsay e aos templários. Eles tem, pelo menos, o mérito de não haverem subvertido em demasia sua tradição, apesar dos defeitos. Enquanto o Grande Oriente, tendo abandonado em 1773 suas constituições originais e destruído em 1885 seu Grande Colégio de Ritos, para transformá-lo em uma praça parlamentar, só tem da Franco-Maçonaria o nome e está condenado a desaparecer bruscamente, desde que os franceses do Rito Escocês tenham a coragem de se recuperar, de deixar de lado as questões de dinheiro e de reconstituir uma Maçonaria Nacional espiritualista, solidamente ligada ao resto do Universo.

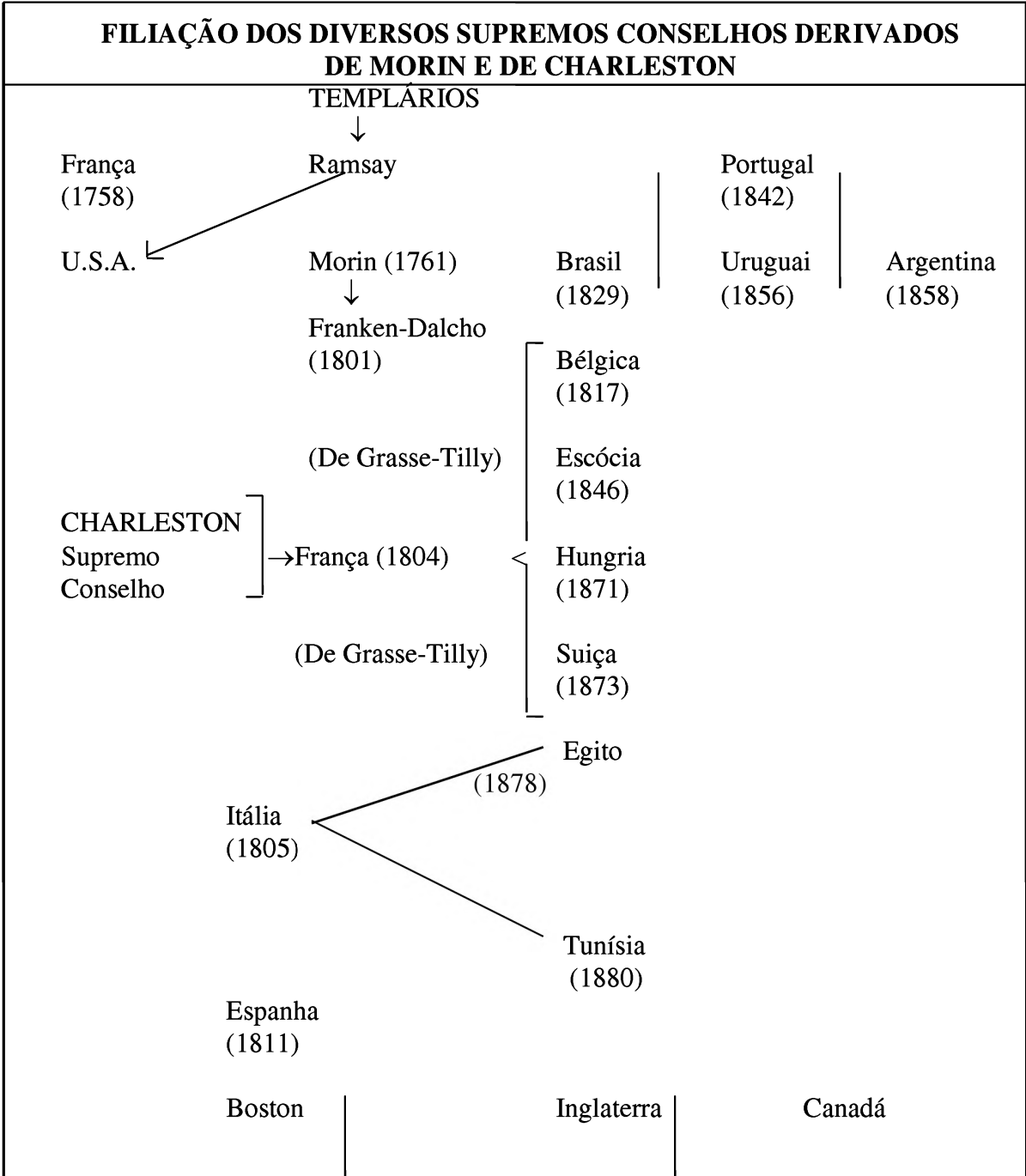
Mas, admitamos que esse fato não se produza. Vamos supor que os procedimentos daqueles que sonham em isolar definitivamente a França, mãe, para Morin, de todos os Supremos Conselhos do Rito Escocês Antigo e Aceito atuais, vencessem, e que a iniciadora pareça definitivamente morta para aqueles que foram iniciados por ela. Alguém iria acreditar que a lenda de Hiram não se tornaria uma viva realidade? Que os Iluminados não tornariam a criar aquilo que já fora feito anteriormente por eles?

Veríamos nascer uma nova forma maçônica adaptada à nossa época e baseada nos mesmos princípios pelos quais foi gerada outrora. Em breve essa criação seria suficientemente forte para impor-se em todos os lugares, sem pergaminho, sem árvore genealógica, bastando uma ordem do Invisível a um dos *Superiores Incógnitos* que velam sempre dentro de um plano ou de outro. E os restos das velhas e anteriores criações afundar-se-iam rapidamente, se fosse necessário. Pois, além de sua filiação templária, cujo objetivo sempre foi perigoso para a tolerância de um Martinista, o Rito Escocês conquistou o direito de grande naturalização, por suas próprias forças e pelo seu caráter verdadeiramente internacional.

Enquanto que um maçom do Grande Oriente não poderá entrar em nenhuma loja fora da França ou de suas Colônias, o maçom escocês será fraternalmente recebido dentro da jurisdição dos vinte e sete Supremos Conselhos, originados de Charleston. O quadro a seguir mostra essa filiação para os principais Supremos Conselhos.

Da mesma forma, se os Iluminados julgarem necessário reconstruir um centro já existente para o estudo e a prática do simbolismo, em vez de criar um novo centro, será ao Escocismo que dariam essa função, de preferência, pois é o único rito capaz de tirar a Maçonaria francesa do ateísmo e do baixo materialismo, onde poderá perder-se definitivamente.

³⁴ CLAVEL. *Histoire Pittoresque de la Franc-Maçonnerie*.



(1813)

(1846)

(1874)

Irlanda
(1826)

Perú
(1830)

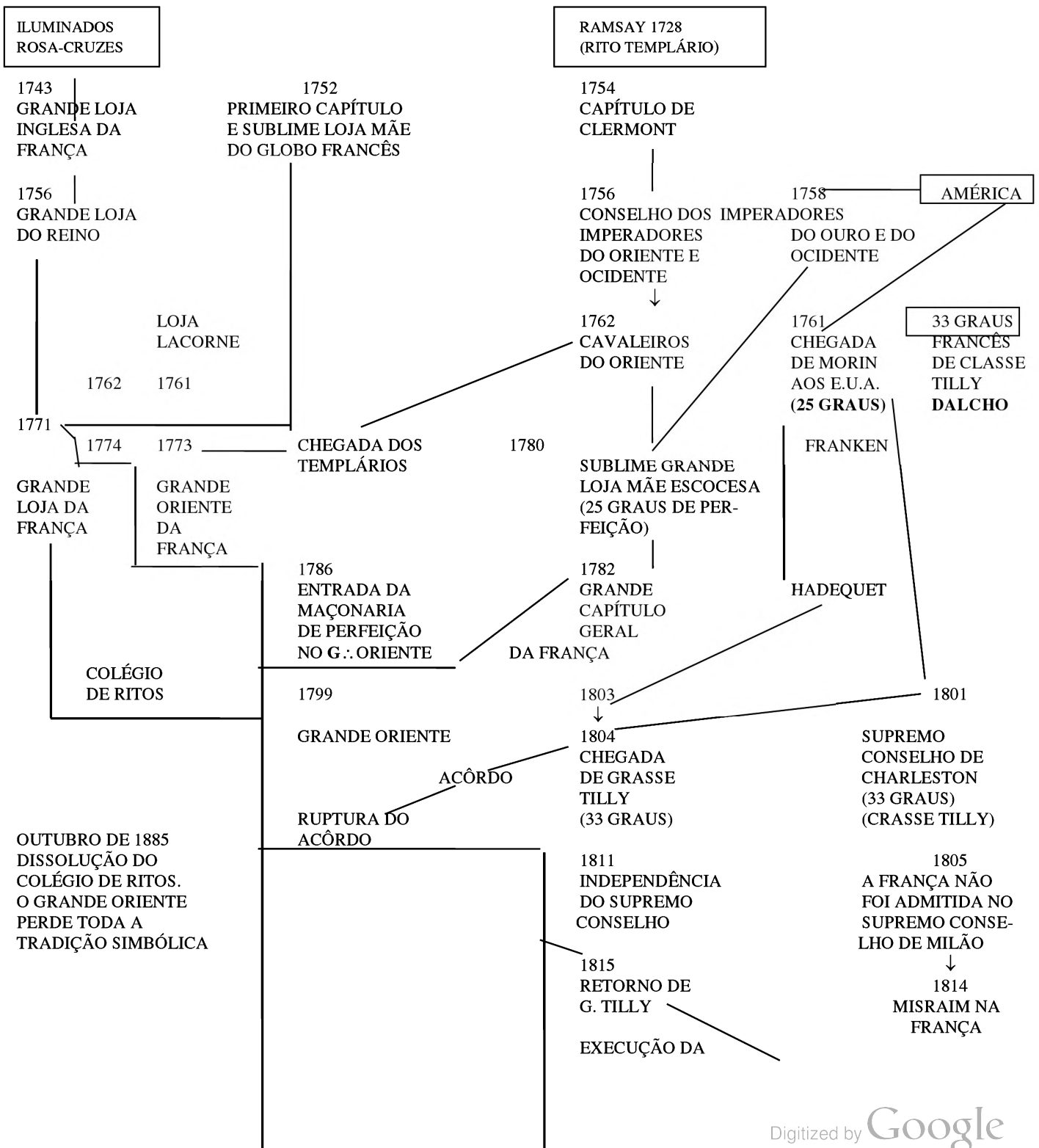
Colônia
(1859)

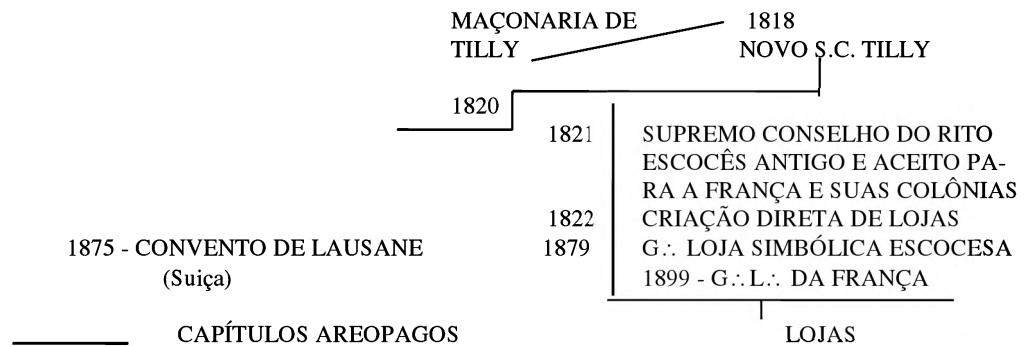
Colombia
(1833)

Costa-Rica
(1870)

Venezuela
(1864)

**HISTÓRIA DA FRANCO-MAÇONARIA NA FRANÇA DE 1743 A 1897 -
POR PAPUS**





4. OS GRAUS MAÇÔNICOS, CONSTITUIÇÃO PROGRESSIVA DOS 33 GRAUS DO ESCOCISMO

Não basta conhecer o resumo histórico dos diferentes ritos; é necessário que aprofundemos seu conhecimento (reservando a uma obra posterior um estudo completo e detalhado do simbolismo maçônico), para fornecer aos que se interessam pela Maçonaria ou pelo Iluminismo uma idéia acerca do caráter real dos ritos, sob o ponto de vista da tradição.

Antes de começar, devemos alertar os leitores em relação aos estudos clericais. Já falamos da tendência desses últimos em confundir o Iluminismo com a Maçonaria. Partindo - os escritores ligados ao clericalismo misturam à análise dos ritos maçônicos interpolações e reflexões pessoais as mais grosseiras. Sob aparência de análise imparcial, lançam de vez em quando um pequeno comentário destinado a desviar o leitor confiante. Agindo assim, desempenham seu papel, que conhecemos por experiência pessoal. Eles foram dignos de experimentar o gênio literário de Léo Taxil, que deles zombou com tanta habilidade, mas que foi injuriado, guardando contudo integralmente suas idéias sobre o papel secreto do Ocultismo de nossa época.

Iremos analisar as transformações do ritual, dando uma olhada geral sobre sua evolução histórica. O primeiro ritual maçônico que unificou os maçons espiritualistas aos da matéria foi composto pelos Irmãos Iluminados da Rosa-Cruz. Entre os mais conhecidos temos Roberto Fludd e Elias Ashmole.³⁵

4.1 A CHAVE DOS GRAUS SIMBÓLICOS

A - APRENDIZ

Os três primeiros graus foram estabelecidos sobre o ciclo quaternário aplicado ao número dez, isto é, sobre a quadratura *hermética* do círculo universal. O grau de Aprendiz deveria desvelar, ensinar e tornar a velar o primeiro quarto do círculo; o grau de Companheiro o segundo quarto e o grau de Mestre os dois últimos e o centro. O significado atribuído pelo revelador a cada grau deriva diretamente do simbolismo total do círculo e de sua adaptação particular.

A adaptação do círculo relaciona-se com o movimento da terra sobre si mesma. O primeiro quarto do círculo descreverá simbolicamente a saída da noite, das seis horas da manhã às nove horas; o segundo quarto do círculo a ascensão de nove horas ao meio-dia e os dois últimos quartos a descida em direção da noite, ou do meio-dia à noite. Neste caso, o Aprendiz será o homem da manhã, o sol que se eleva; o Companheiro, o homem do meio-dia ou sol pleno; o Mestre, o homem do sol que se põe.

³⁵ Citemos, entre os demais Rosa-Cruzes que contribuíram com a nova criação: Desaguliers, Jacques Anderson, G. Payne, King, Calvat, Lumden, Madden e Elliot.

Se a adaptação do círculo se relaciona com a marcha (aparente) do Sol durante o ano, os quartos de círculo corresponderão às estações e representarão, respectivamente, a Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno. O Aprendiz será, então, a semente que desabrocha; o Companheiro, a planta que floresce; o Mestre, a planta que frutifica e o fruto que cai da árvore para gerar novas plantas ao liberar as sementes que contém.

Cada uma dessas adaptações pode ser aplicada ao mundo físico, ao mundo moral e ao mundo espiritual. Compreende-se, assim, como verdadeiros Iluminados poderiam conduzir à luz da Verdade, em direção da “Luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo”, em direção do Verbo Divino vivo, os profanos chamados à Iniciação. Mas, para isso, era absolutamente necessário que a chave fundamental e hermética dos graus e de sua adaptação fosse conservada por uma *universalidade oculta*. Tal foi o papel que se reservaram os Rosa-Cruzes e os iniciados judeu-cristãos. Eles possuíam sempre essas chaves que os escritores maçônicos só perceberam as adaptações; o presente trabalho, ainda que muito resumido, abrirá a esse respeito os olhos *daqueles que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir*. Que os outros nos insultem e nos acusem de adorar o diabo ou de servir aos Jesuítas; nós os deixaremos dizer o que quiserem e balançaremos os ombros.

Do ponto de vista alquímico, os três primeiros graus representam a preparação da Obra: os trabalhos do Aprendiz figuram os trabalhos materiais, os do Companheiro representam a busca do verdadeiro fogo filosófico e os do Mestre correspondem à colocação do mercúrio filosófico no Atanor e à produção da cor preta, de onde devem sair as cores brilhantes. É necessário não compreender as idéias e os trabalhos dos Rosa-Cruzes hermetistas, para não ver que os verdadeiros ocultistas estabeleceram seu plano iniciático segundo as regras estritas da adaptação de princípios e que a vingança de um pretendente excluído somente jogará um papel bem secundário nessa história toda.

Vindo do mundo profano, o Aprendiz aí retornará mais tarde como Mestre, após ter adquirido a iniciação. Assim é figurado o caduceu hermético que dá a chave real minado, pois dividiu sua iniciação pelo *quarto de círculo*. Não se pode passar de um plano a outro sem atravessar o reino que indica ao futuro iniciado a Câmara de Reflexões e seus símbolos.

O iniciado nada pode começar sozinho, sob pena de graves acidentes, devendo cercar-se de guias visíveis, experientes, como ensinam os discursos e as interrogações que ouvirá após sua entrada em loja. Mas os ensinamentos orais não teriam nenhum valor sem a experiência pessoal: tal é o objetivo *das viagens e das provas* dos diferentes graus.

B - COMPANHEIRO

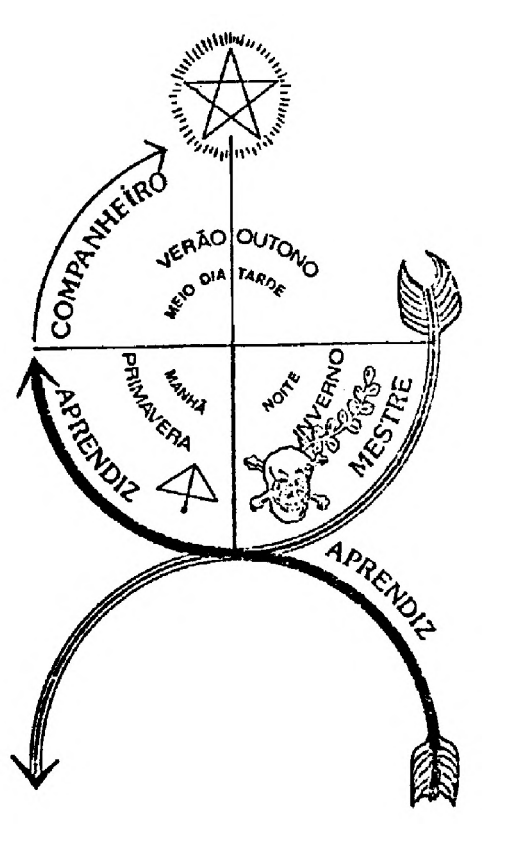
O aprendiz cresce sem mudar de plano, passa dos trabalhos materiais aos trabalhos relacionados com as *forças astrais*; aprende a manejar os instrumentos que permitem transformar a matéria sob o efeito das forças físicas, manejadas pela inteligência; conscientiza-se de que além das forças físicas, existem forças de ordem mais elevada, figuradas pelo brilho da estrela flamejante: são as *forças astrais* que lhe permitem pressentir pelo símbolo da estrela flamejante. O aprendiz, tornando-se Companheiro, é instruído sobre a *história da Tradição*, em relação a seus primeiros elementos.

C - MESTRE

O companheiro ao tornar-se Mestre prepara-se para mudar de plano. Passará novamente pelo reino da obscuridade e da morte; mas desta vez passará sozinho, sem necessidade de guia. Fará de modo *consciente* o que fez inconscientemente na Câmara de Reflexões. Mas, antes disso, receberá a chave dos três graus e de suas relações, oculta na história de Hiram e de seus três assassinos.

Como já demonstramos,³⁶ a adaptação solar da lenda de Hiram não passa da adaptação de um princípio bem mais geral: o giro do círculo no quaternário, com suas duas fases de evolução e de involução. É preciso lembrar que o iniciado não vai somente ouvir essa lenda: vai vivê-la tornando-se o personagem principal de sua reprodução.

Aqui aparece um procedimento notável, colocado em prática por Ashmole, quando compôs esse grau em 1649 (os de Aprendiz e de Companheiro foram criados, respectivamente, em 1646 e em 1648). Para revelar ao iniciado a história da tradição, de maneira efetiva, seu iniciador fará que revise essa lenda. Essa será a chave dos graus superiores e de seu ritual. Esta constatação deverá estar sempre presente quando for preciso reformular os rituais, adaptando-os às novas épocas, sem distanciá-los de seu princípio de constituição.



4.2 CONTRIBUIÇÃO DOS GRAUS TEMPLÁRIOS, RAMSAY

Para evitar toda obscuridade, e enumeração fastidiosa, acompanhemos a evolução histórica dos graus maçônicos. Aos três graus simbólicos, Aprendiz, Companheiro e Mestre, Ramsay acrescentou em 1738, três novos graus denominados *Escocês*, *Noviço* e *Cavaleiro do Templo*.

Esses graus são *exclusivamente Templários* e tem por objetivo fazer o reci-piendário reviver: 1º o nascimento e a constituição da Ordem do Templo, que continua o Templo de Salomão; 2º a destruição exterior e a conservação secreta da Ordem; 3º a vingança contra os autores da destruição. Esta é a chave dos três graus adaptados à lenda de Hiram, re-ligando o Templo de Jerusalém à Ordem de Jacobus Burgundus de Molay.

³⁶ PAPUS. *Traité Méthodique de Science Occulte*. Paris: Dangles, 2 vol. (Análise da lenda de Hiran).

Os maçons desejosos de conquistar os graus superiores deveriam instruir-se no Ocultismo e nos primeiros elementos de Cabala. Assim, o Noviço (denominado mais tarde *A Arca Real*) deveria aprender os seguintes nomes Divinos:

Iod	(Principium) y
Iah	(Deus) h y
Iaô	(Existens) w h y
Ehieh	(Sum, ero) h y h a
Elijah	(Fortis) h y l a
Iahib	(Concedens) b h y
Adonai	(Domini) y n d a
Elchanan	(Misericors Deus) n n j l a
Iobel	(Jubilans) l b w y

Induziam-lhe, ao mesmo tempo, a estudar as relações das letras e dos números, bem como os primeiros elementos do simbolismo das formas. No grau de *Escocês* (denomina-do mais tarde *Grande Escocês*), acrescentavam-se outros estudos mais aprofundados sobre as correspondências na natureza. O quadro abaixo, referente às relações entre pedras e nomes Divinos, indicará os primeiros elementos desses estudos.

PEDRAS	NOME DIVINO GRAVADO	SIGNIFICADO
Sardônica	MELEK	<i>(Rex)</i>
Topázio	GOMEL	<i>Retribuens</i>
Esmeralda	ADAR	<i>Magnificus</i>
Carbúnculo	IOAH	<i>Deus Fortis</i>
Safira	HAIN	<i>Fons</i>
Diamante	ELCHAI	<i>Deus Vivens</i>
Sincura	ELOHIM	<i>Dii (Sin, os Deuses)</i>
Ágata	EL	<i>Fortis</i>
Ametista	IAOH	<i>IA</i>
Crisólito	ISCHLJOB	<i>Pater Excelsus</i>
Ónix	ADONAI	<i>Domini</i>
Berilo	IEVE	<i>(Sum Qui Sum)</i>

A iniciação nesses dois graus desenvolvia a união entre o Templo de Salomão e os Templários; ela se desenvolvia em lugares subterrâneos para demonstrar o estado em que a Ordem ficou. Era no grau de Cavaleiro do Templo (transformado mais tarde, parcialmente, no Kadosch) que o recipiendário era realmente consagrado vingador da Ordem do Templo. Transformava-se a iniciação em guerra política à qual os Martinistas nunca aderiram.

A frase seguinte, gravada no túmulo simbólico de Jacques de Molay, indicava que os procedimentos adotados para atingir o pórtico da segunda morte eram conhecidos dos que pertenciam a esse grau: “*Aquele que vencer os temores da morte sairá do seio da terra e terá o direito de ser iniciado nos grandes mistérios*”. O detalhe da iniciação Kadosch, com suas quatro câmaras, a Negra, onde presidia o Grão-Mestre dos Templários, a Branca, onde reinava Zoroastro, a Azul, onde dominava o chefe do tribunal da Santa Vema³⁷ e a Vermelha, onde Frederico dirigia os trabalhos, indica que

³⁷ A *Santa Vema* foi uma sociedade secreta criada por Carlos Magno, Rei da França, imperador do Ocidente, no ano de 772, para combater a feitiçaria. Surgiu na Westfália, espalhando-se mais tarde por toda

esse grau é o resumo de todas as vinganças e a materialização sobre a terra desse terrível livro de sangue, que se abre demasiadamente seguido no Invisível, quando Deus permite aos inferiores se manifestarem.

Esse grau sempre foi reprovado pelos Martinistas, que preferem a oração à vingança política, e que desejam ser soldados leais do Cristo, que disse: *“Aquele que ferir com a espada, morrerá pela espada”*.

O Rito Templário compreendia, não somente esses quatro graus de Ramsay, mas ainda oito graus que Rosen, em seu livro *Satã Desmascarado* (com o qual deve ter cola-borado algum bom clérigo, pois o autor é bastante instruído, para ter dito as ingenuidades contidas nessa obra), une sem razão, em nosso ponto de vista, aos graus escoceses do 19º ao 28º:

- 1º Aprendiz ou Iniciado;
- 2º Companheiro ou Iniciado do Interior;
- 3º Adepto;
- 4º Adepto do Oriente;
- 5º Adepto da Águia Negra de São João;
- 6º Adepto Perfeito do Pelicano;
- 7º Escudeiro;
- 8º Cavaleiro de Guarda da Torre Interior.

4.3 O RITO DA PERFEIÇÃO

A - ANÁLISE DE SEUS GRAUS

Foi a esses graus templários que a constituição do Rito de Perfeição (1758) acrescentou o complemento do sistema maçônico inteiro, assim constituído:

1º Uma seção histórica e moral, na qual o recipiendário revive a história do primeiro Templo de Jerusalém, de sua construção à sua destruição; em seguida, participa da descoberta do Verbo que, encarnando-se, dará nascimento ao Cristianismo e à Nova Jerusalém, da qual o recipiendário torna-se Cavaleiro. Analogicamente, essa seção histórica permitia profundas dissertações morais sobre a Queda e a Reintegração natural do ser humano.

2º Uma seção hermética, consagrada ao desenvolvimento das faculdades anímicas do ser humano, cujas cerimônias iniciáticas reproduziam as fases do desdobramento astral e das adaptações alquímicas. Esta seção estava inserida em apenas dois graus do Rito de Perfeição: o Príncipe Adepto e o Príncipe do Segredo Real.

3º A essas duas seções acrescentava-se, como dissemos, a seção Templária.

Analisemos rapidamente os 25 graus do Rito de Perfeição, para esclarecer ainda mais a classificação precedente. Do 4º ao 15º graus, o Presidente da loja representa Salomão, um de seus ajudantes ou um de seus vassalos. Ocupa-se da construção do Templo, da vingança de Hiram ou de sua substituição.

a Europa Central, famosa pela instauração do Tribunal dos Franco Juizes, que executou o Duque Frederico de Brunswick. Para maiores, veja GUAITA, S. *No Umbral do Mistério*. (N.T.)

É essa idéia de vingança que faz Rosen acreditar que os graus de Eleitos relacionavam-se com a *Santa Vema*;³⁸ é um erro que um iluminado não teria cometido. A Santa Vema foi uma adaptação germânica dos vingadores pitagóricos, que imitavam os vingadores de Osíris, como compreendeu muito bem o autor do *Thuiller do Escocismo*. Entretanto, Aulnaye não passou dos pequenos mistérios e não viu na iniciação senão o aspecto naturalista e o plano sexual, como fazem hoje em dia os clérigos. A citação seguinte irá nos esclarecer melhor a esse respeito:

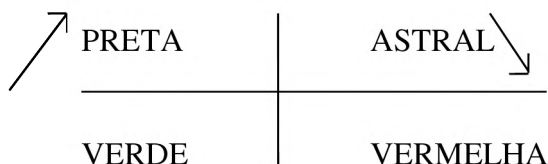
*“Se o terceiro grau da Maçonaria, o de Mestre, nos oferece o quadro da morte de Hiram, dito o Arquitecto do Templo, ou, antes a de Osiris, de Pan, de Thammuz, Grande Arquitecto da Natureza, com o Primeiro Eleito ecoa o primeiro grito de vingança, aquele que Horus efetuou contra os assassinos de seu pai, Júpiter contra Saturno, etc. Esse grande e permanente sistema de vingança, que se encontrava mais ou menos expresso em um grande número de graus, notadamente no de kadosh, remonta aos tempos mais longínquos. Independentemente da interpretação que se possa dar as operações da Natureza, que apresentam uma série de combates e de reações entre o princípio gerador e o princípio destruidor, ele pertence sobretudo à teocracia, o mais antigo sistema de Governo. Seguindo as diferentes circunstâncias onde são encontrados os fundadores das diferentes sociedades secretas e seguindo o espírito particular que os animava, estabeleceram a aplicação dessa vingança a esta ou àquela lenda, a este ou aquele fato histórico; a partir disso, tem-se a diferença dos ritos; mas os princípios fundamentais são sempre os mesmos”.*³⁹

No 17º grau (Cavaleiro do Oriente e do Ocidente), chegamos à tomada de Je-rusalém pelos Romanos e à destruição do Templo. A seguir, encontramos o grau verdadeiramente cristão da Maçonaria, o 18º, ao qual os Rosa-Cruzes deram o nome de sua Ordem e onde ocultaram a parte mais pura da Tradição. Os materialistas, confusos, dizem que esse grau é criação dos Jesuítas, e estes, comovidos por verem a Cruz e o Cristo Glorioso dentro de um Templo Maçônico, dirão que esse grau é uma criação de Satã. Como observamos, há de tudo para todos os gostos.

O grau da Rosa-Cruz Maçônica é a tradução física dos mistérios que conduzem ao título de Irmão Iluminado da Rosa-Cruz, que não pertence à Franco-Maçonaria, mas à sua criadora, a Sociedade dos Iluminados. Um Rosa-Cruz Maçom, quando conhece bem seu grau, pode ser considerado como um Aprendiz Iluminado e possui todos os elementos de um alto desenvolvimento espiritual, como veremos na análise desse grau.

B - A ROSA-CRUZ MAÇÔNICA

A iniciação no grau Rosa-Cruz maçônico exige quatro câmaras: a Verde, a Preta, a Astral e a Vermelha, que se reduzem na prática a três, pela supressão da primeira.



O Tema do grau refere-se à Palavra Perdida, necessária à reconstrução do Templo. O recipiendário a descobre; é o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo: **INRI**. Graças a essa palavra, atravessa a região astral em sua seção inferior ou infernal e eleva-se à Câmara da Purificação cristã e da Reintegração. Do ponto de vista alquímico, representa: a criação da pedra na cor vermelha, pela descoberta das

³⁸ *Satan Démasqué.*

³⁹ DE L'AULNAYE. *Thuilleur Général*. p. 58 (nota de rodapé).

forças astrais; a saída da cabeça do corvo e a passagem à fênix ou ao pelicano. Do ponto de vista moral, representa o nascimento, no homem, da centelha do Verbo Divino, que se encontra encarcerada no interior de sua alma, pelo exercício da oração, da caridade, do sacrifício e da submissão ao Cristo.

Experimentai explicar isso a um mercador de vinho, cabo eleitoral e dignatário do Grande Oriente, ou a um R. P. Jesuíta. O primeiro irá substituir a Fé, Esperança e Caridade por sua preciosa divisa “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”... ou a morte; e o segundo desejará encontrar anagramas que transformem o nome de Cristo no nome do Príncipe deste mundo, pois não admite que se possa compreender o Cristo sem passar pelos que pensam ser o único clero Divino sobre a terra. Para o clérigo, tudo não passa de “Gnosticismo”, pois emprega sempre esse nome para designar aquilo que não compreende.

Retomemos a análise da iniciação nesse grau. A Câmara Verde Lembra a primeira evolução do recipiendário nos graus simbólicos. A Câmara Preta vai abrir-lhe as portas da segunda morte, indicando uma mudança de plano. Ela é pintada de preto, com lágrimas de prata.

A destruição do Primeiro Templo é representada pelas colunas quebradas e pelos instrumentos esparramados pelo solo. Somente três colunas permanecem em pé e podemos ler: *Fé*, a Sudoeste; *Esperança*, a Sudeste; e *Caridade*, a Noroeste. A Leste, encontra-se um dos símbolos mais profundos: uma cruz com uma rosa na interseção de seus braços, símbolo da criação pelo homem de seu ser espiritual. Além desse símbolo, disposto sobre a mesa coberta com uma toalha preta, encontram-se os instrumentos da construção material: o compasso, o esquadro e o triângulo.

Essa mesa está colocada diante de uma grande cortina que, abrindo-se, mostrará o Cristo crucificado, iluminado por dois círios em cera de cor solar. É lá que o recipiendário reencontrará a “Palavra Perdida”, após ter criado em si próprio a *Fé*, através do trabalho pessoal, e a *Caridade*, que lhe abrirá as grandes portas da *Esperança* e da *Imortalidade*. Essa imortalidade será adquirida imediatamente à certeza simbólica, pois com o rosto coberto por um véu negro penetrará, *com a ajuda daqueles que o precederam* na Câmara que chamamos Astral, denominada comumente infernal.

Esclarecemos, contentando igualmente ao Sr. Antonini,⁴⁰ que o inferno dos católicos é denominado “Plano Astral Inferior” pelos ocultistas.

Para se chegar às regiões celestes, é necessário atravessar o plano astral e vencer, pela pureza moral e pela elevação espiritual, as larvas e os seres que povoam essa região do Invisível. O céu envia a seus eleitos os guias necessários para atravessar esta região. O autor de “*Pistis-Sofia*”⁴¹ dá-nos informações interessantíssimas sobre esse assunto. Mas os ocultistas colocam as larvas e os demônios nos seus devidos lugares e não os adoram, reservando suas orações ao Cristo ou à Virgem. É absolutamente necessário triunfar dos demônios para se alcançar o plano celeste. Não se pode triunfar nesse aspecto a não ser seguindo os preceitos evangélicos, segundo o método do Ocidente; ou seguindo a revelação dos mestres no Oriente. Todo homem de bem, seja Cristão, Muçulmano ou Budista, alcançará o Céu quando segue a palavra de Deus; e todo criminoso, seja Papa, Padre Católico, Judeu, Protestante, ou um simples leigo de uma religião qualquer, entrará em contato com os seres do Plano Astral, até o momento da dissolução de suas cascas, a menos que a piedade Divina apague os clichês dos seus pecados. Eis porque Dante viu vários Papas no Inferno.

⁴⁰ Autor do livro *A Doutrina do Mal*.

⁴¹ Obra Gnóstica atribuída a Valentino (Século II). Veja a publicação em língua portuguesa efetuada pela Editora Francisco Alves, Coleção Arcano, 1983. (N.T.)

Esta câmara astral é formada por material transparente em cada canto, onde se encontra um esqueleto para indicar que a morte é a única porta de entrada ou saída desta câmara. Sobre o material transparente, pintam-se larvas e seres astrais quaisquer, que o recipiendário perceberá levantando o véu que cobre sua cabeça. Ele chega, enfim, à Câmara Vermelha, iluminada por 33 luzes.

No Oriente, sob um dossel, o recipiendário deparasse com um admirável símbolo. No alto, uma estrela flamejante portando a letra c (Schin) invertida, para indicar a encarnação do Verbo Divino na natureza humana. Embaixo, vê-se um sepulcro aberto e vazio para mostrar que o Cristo triunfou da morte, indicando, assim, o caminho a todos aqueles que quiserem segui-lo.

É também nesta direção que fica o estandarte do capítulo sobre o qual é gravado o Pelicano, em pé sobre o seu ninho, alimentando seus sete filhos com o próprio sangue, que verte ao furar o peito com o bico. Este Pelicano porta no peito a Rosa-Cruz. Este é o símbolo do verdadeiro cavaleiro do Cristo, representação da ação incessante da luz Divina que faz reviver mesmo aqueles que cometem atrocidades em seu nome, como o sol que ilumina os bons e os maus, espalhados sobre as sete regiões planetárias de seu sistema.

As inscrições das colunas, *Infinidade e Imortalidade*, caracterizam a transformação espiritual das virtudes ao iluminar a Câmara Negra. Esta iniciação apoia-se em quinze pontos de instrução, que transformam sucessivamente o recipiendário em Cavaleiro de Heredom, Cavaleiro da Guarda da Torre e Rosa-Cruz. Essas instruções referem-se aos seguintes pontos: 1º Mestrado; 2º números 9, 7, 5, e 3; 3º pedra angular; 4º mistérios da arca e da imortalidade (Enoque e Elias); 5º as montanhas da salvação, o Moria⁴² e o Calvário, em todos os planos; 6º o Atanor hermético⁴³; 7º as virtudes morais nascidas do esforço espiritual; 8º a resistência às paixões (guarda da Torre); 9º o simbolismo astral; 10º o simbolismo geral; 11º o simbolismo dos números; 12º a Jerusalém Cristã e o novo Templo Universal; 13º as três luzes cristãs: Jesus, Maria e José; 14º a Palavra Perdida; 15º Consumatum est.

Observamos, finalmente, que os iluminados haviam transmitido à Maçonaria, neste grau, seu sistema de redução cabalística dos nomes em suas consoantes e os cinco pontos, figurando a aprendizagem do Iluminismo.

Os graus seguintes: 19º, Grande Pontífice; 20, Grande Patriarca; 21, Grão-Mestre da chave, 22, Príncipe do Líbano, continuam a colocar em ação a tradição histórica. O último grau, Príncipe do Líbano, tornou-se o Cavaleiro do Real Machado do Escocismo. Ele começa a série dos verdadeiros graus herméticos, consagrados ao desenvolvimento das faculdades espirituais.⁴⁴

O tema iniciático desses graus herméticos relaciona-se com a parte da vida em que Salomão dedicou-se ao estudo da Magia e da Alquimia. Vemos Salomão submetido às provas da segunda morte, abandonando os ídolos pelo verdadeiro Deus e retornando à verdadeira fé pela Ciência. Trata-se da retomada sobre um outro plano da alegoria histórica dos graus precedentes. Na Maçonaria de Perfeição, os graus herméticos estavam inseridos nos seguintes graus: 22, Príncipe do Líbano; 23, Príncipe Adepto e 25, Príncipe do Segredo Real.

Encontramos no grau de Príncipe Adepto, tornado 28º do Rito Escocês, Cavaleiro do Sol, os estudos teóricos sérios que formam a base de toda prática real.

⁴² Lugar onde, segundo a mitologia grega, a Deusa Atena bate-se com Poseidon, o Deus do Mar e da navegação. (N.T.)

⁴³ Fornalha do Alquimista. (N.T.)

⁴⁴ Ver os estudos do Dr. Blitz sobre esse grau na revista *L'Initiation*.

Estudaremos detalhadamente esta seção, em função do Escocismo e das modificações que esse rito introduziu nos graus herméticos. Como vemos, o Rito de Perfeição continha todo o sistema maçônico. As transformações recebidas limitam-se apenas ao desenvolvimento dos graus já existentes no “Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente”. Passemos ao Escocismo, enumerando antes as seguintes classes que englobam os graus desse rito, como segue:

- 1ª classe - 1,2,3;
- 2ª classe - 4,5,6,8 e 8;
- 3ª classe - 9,10 e 11;
- 4ª classe - 12, 13 e 14;
- 5ª classe - 15, 16, 17, 18 e 19;
- 6ª classe - 20, 21 e 22;
- 7ª classe - 23, 24 e 25.

Maiores detalhes podem ser obtidos no quadro geral dos ritos, apresentados no fim deste capítulo.

C - ESCOCISMO, RAZÃO DE SER DE SEUS NOVE GRAUS, ILUMINISMO, REINTEGRAÇÃO E HERMETISMO

Chegamos ao Escocismo propriamente dito, isto é, ao desenvolvimento dos últimos graus do Rito de Perfeição. Como dissemos, os mistérios do desdobramento consciente do ser humano, que se convencionou denominar *saída consciente do corpo astral*, e que caracterizava o batismo nos templos antigos, foram desenvolvidos para constituírem os graus escoceses, acrescidos pelo Supremo Conselho de Charleston, cerca de 1802, ao sistema levado por Morin.

Não é justo, pois, ver nesses graus apenas coisas superficiais e inúteis. Eles terminam a progressão do aperfeiçoamento do ser humano, ao lhe dar a chave do desenvolvimento das faculdades supra-humanas, pelo menos para uso na vida atual. Denominamos *chave*, pois na iniciação não pode dar outra coisa.

O que importa, agora, se essas luzes forem dadas a homens que não irão ver nelas senão um simbolismo ridículo; ou que ceguem os clérigos que procurarão nesse simbolismo somente phalos e ctéis, segundo seu louvável hábito; pois essas pessoas possuem um cérebro desse feitio, que não vêem senão isso em todos os lugares, com uma diabo qualquer como chefe de orquestra. Coitados!

A iniciação vai retrazar as diversas fases da travessia consciente dos planos astrais, com seus perigos, seus obstáculos e seu coroamento, que é o de vencer o círculo do inferno astral para elevar-se, se a alma for digna, às diversas regiões celestes. O tema representará, como dissemos, o recipiendário sob a figura de Salomão ocultista, dirigindo Hiram e participando ativamente das operações.

O grau 22, *Cavaleiro do Machado Real*, relacionasse às preparações *materiais* das operações, figuradas pelas copas dos cedros sobre o Monte Líbano e pelo machado consagrado.

O 23º grau, chefe do Tabernáculo, relaciona-se com as indicações concernentes ao plano em que se vai operar, isto é, a natureza astral. A sala é perfeitamente circular, iluminada por sete luzes principais e 49 (=13, número da passagem pelo astral) luzes acessórias. A palavra sagrada IEVE e a palavra de passe é o nome do Anjo do Fogo que deverá vir assis-tir ao operador no início dos operadores que invocam as forças inferiores do astral, pensando progredir mais rapidamente por esses meios. Podem, com isso, perder a comunicação com o Céu e ser enganados pelo demônio. Esse erro é figurado pelos ídolos que Salomão sacrificou. O recipiendário deve sair triunfante desse primeiro contato com a região astral.

A seguir, aborda o plano onde estão gravados os *clichês astrais*. Vê a palavra de Deus, os doze mandamentos e os evangelhos, escritos sobre o livro eterno; executa então a primeira *viagem em Deus* (palavra de passe do 24º grau). É lá que atinge o plano de êxtase onde se encontrava Moisés quando viu se iluminar a sarça ardente. Tendo passado pelo plano astral, aborda o plano Divino, obtendo, assim, a primeira manifestação da harmonia celeste (25º grau). O recipiendário possui a cruz como sinal, a palavra sagrada é Moisés, a palavra de passe é INRI, indicando a união dos dois Testamentos. As correntes que envolvem o recipiendário indicam o peso da matéria e das cascas, que paralisam a ação do Espírito no plano Divino; a serpente de bronze, enroscada em volta da cruz, indica a dominação do plano astral (a serpente) pelo homem regenerado pelo Cristo (a cruz). Os clérigos, para seu grande pesar, não conseguiram ver o diabo nesse grau. Aqui geralmente passam em silêncio.

Seguindo sua evolução no plano Invisível, o recipiendário aborda os diversos planos da região celeste (26º grau, Escocês Trinitário ou Príncipe da Misericórdia). Passará pelo primeiro, segundo e terceiro céus; no lugar dos demônios do plano astral, entrará em contato com os silfos e os recebedores celestes. Nesta parte, ouve-se os cacarejos irônicos dos ignorantes quando se ocupam desse grau, e os alegres comentários dos clérigos. Mas continuemos. O recipiendário recebe *asas* como marca de sua ascensão ao plano Divino. O catecismo contém estas frases características:

P.: Sois Mestre Escocês Trinitário?

R.: Eu vi a Grande Luz e sou, como vós, *Perfeito* pela *Tríplice Aliança* do sangue de Jesus Cristo, do qual portamos a marca.

P.: Qual é essa Tríplice Aliança?

R.: Aquela que o Eterno fez com Abraão pela circuncisão; aquela que fez com seu povo no deserto, pela intermediação de Moisés; e aquela que fez com os homens pela morte e paixão de Jesus Cristo, seu filho Bem-Amado.

No grau seguinte (27º), Grande Comendador do Templo, o recipiendário é admitido na *Corte Celeste*. A jóia contém as letras hebraicas **y r n y**, isto é **INRI**. O sinal consiste em formar uma cruz sobre a testa do irmão que interroga.

Chegamos ao grau que englobava primitivamente todos os precedentes: o grau do *Cavaleiro do Sol* (28º), o antigo Príncipe Adepto do Rito de Perfeição. Esse grau simbolizava a reintegração do Espírito no Adão-Kadmon, quando julgado digno por Deus. O recipiendário é transportado no espaço intra-zodiacal, onde encontrava-se o homem antes da Queda; toma conhecimento dos sete Anjos planetários que presidem, depois da Queda, os destinos das sete regiões (o recipiendário encontra-se supostamente no Sol). Tomará conhecimento das forças emanadas de seu centro. Eis as correspondências ensinadas nesse grau, cuja palavra de passe, eminentemente alquímica, é *Stibium*:

MICHAEL <i>Pauper Dei</i> Saturno
GABRIEL <i>Fortitudo Dei</i> Júpiter
OURIEL <i>Ignis Dei</i> Marte
ZERACHIEL <i>Oriens</i> Sol
CHAMALIEL <i>Indulgentia Dei</i> Vênus
RAPHAEL <i>Medicina Dei</i> Mercúrio
TSAPHIEL <i>Absconditus Dei</i> Lua

O 29º grau (Grande Escocês de Santo André) é essencialmente alquímico. O adepto retorna à terra após sua ascensão ao mundo espíritos e será capaz de realizar a Grande Obra. A esse grau

acrescenta-se, como palavra sagrada, um grito de vingança. Isso demonstra que se misturaram alguns pontos do Rito Templário com o ensinamento hermético.

PALAVRAS DE PASSE DO 29º GRAU

Ardarel	anjo do Fogo
Casmaran	anjo do Ar
Talliud	anjo da Água
Furlac	anjo da Terra

Entre os graus administrativos, 31º, 32º e 33º, assinalaremos sobretudo o 32º, o antigo 25º do Rito de Perfeição, denominado *Príncipe do Segredo Real*. É necessário abandonar o falso Frederico⁴⁵ desse grau, como também aquele do 21º grau (Noachita), que é uma reconstituição simplesmente histórica da Santa Vema. O que nos interessa é a figura desse grau, “o selo” onde se veem cinco raios de luz, englobando um círculo e inscritos em outro círculo, enclausurado em um triângulo que é, por seu turno, inscrito num pentágono. Esse conjunto reproduz a análise da Esfinge, Touro, Leão, Águia (com duas cabeças) e o coração inflamado e alado. O conjunto aparece sustentado pela pedra cúbica. Em volta do selo encontram-se os **locais de trabalho**, figurando os centros de realização maçônica.

O 33º grau é, em parte, o desenvolvimento alquímico do Príncipe do Segredo Real e, em parte, uma composição da figura de Frederico que não nos interessa. Constitui o grau administrativo dos centros maçônicos, que pode ligar-se a um iluminismo qualquer.

5. RESUMO GERAL E RECAPITULAÇÃO DOS GRAUS MAÇÔNICOS

A rápida revisão efetuada em torno da hierarquia dos graus maçônicos mostra-nos que constituem uma progressão real e harmônica, na qual se constata poucas irregularidades, como os graus noachitas, compostos fora da ação dos fundadores do sistema maçônico.

Esses graus simbólicos contêm, em síntese, todo o sistema. Entretanto, os altos graus desenvolvem harmonicamente essa síntese, inicialmente sob o ponto de vista histórico, passando em revista o povo judeu, o Cristianismo, o Tribunal Secreto, as Ordens de Cavalaria e os Templários.

Esse sistema seria incompleto sem o coroamento verdadeiramente oculto, abrindo ao iniciado novos horizontes sobre a salvação do ser humano, pela oração, pelo devotamento (18º) e pela caridade, que conduzem às provas da segunda morte e à percepção do plano Divino, após ter triunfado das tentações infernais do plano astral. Os Iluminados deram pessoalmente à sua obra todos seus desenvolvimentos; e saberão restaurá-la caso acabe no baixo materialismo e no ateísmo. O quadro seguinte resume o significado geral dos diferentes graus:

GRAUS SIMBÓLICOS (1º, 2º e 3º)	História Sintética do Homem
GRAUS HISTÓRICOS (4º ao 22º)	Construção do Templo de Jerusalém. Cativoiro. Libertação. Queda de Jerusalém e Destruição do Templo.

⁴⁵ Papis fala aqui do Duque Frederico de Brunswick, executado por membros da *Santa Vema*, por ter recusado atender a uma citação dos Franco-Juizes. Veja Guaita, S. *No Umbral do Mistério*. Porto Alegre: Grafosul, 1979, p. 34.

O Cristianismo (18°).
Nova Jerusalém.

GRAUS TEMPLÁRIOS (13°, 14°, 21° e 30°)	Tribunal Secreto. Cavaleiros e Templários.
GRAUS HERMÉTICOS (22° ao 33°)	Primeiras provas do Adeptado. O Adepto toma contato com a Serpente Astral. Desdobramento. O Adepto triunfa da Serpente Astral e eleva-se em direção ao Plano Divino. Triunfo Hermético. Reint. e retorno consciente ao plano físico.

A evolução progressiva dos graus é apresentada como segue:

- 1° - Três graus simbólicos;
- 2° - Três altos graus templários de Ramsay, que devem ser colocados em frente dos números 13, 14 e 30;
- 3° - Constituição dos graus históricos; desenvolvimento da história de Salomão e da construção do Templo de Jerusalém, 4° ao 15°; destruição do Templo e reconstituição da Nova Jerusalém pelo Cristianismo, 15° ao 22°;
- 4° - Coroamento dos graus históricos pelos graus do Hermetismo, abrindo uma porta ao Iluminismo Cristão, 22° ao 25°.

Tal é o resumo do Rito de Perfeição. Aos vinte e cinco graus do Rito de Perfeição, o Supremo Conselho de Charleston acrescentou os seguintes graus: o Chefe do Tabernáculo (23°), o Príncipe da Misericórdia (24°), o Cavaleiro da Serpente de Bronze (25°), o Comendador do Templo (26°), o Cavaleiro do Sol (27°). O Príncipe do Segredo Real ocupa os graus 28°, 29°, 30°, 31° e 32°; o Kadosch, o 28° grau e o Soberano Grande Inspetor Geral, o 33° e último grau.

Após a chegada de Grasse-Tilly a Paris, nova modificação foi adotada, que ainda rege o Escocismo. Essa transformação, em suas grandes linhas, é a seguinte: o Príncipe da Misericórdia (24°) tornou-se o Príncipe do Tabernáculo; o Comendador do Templo tornou-se o Príncipe do Tabernáculo; o Comendador do Templo tornou-se o Escocês Trinitário (26°); o Cavaleiro do Sol tornou-se o 28° grau, sendo substituído pelo Grande Comendador do Templo; o 29° grau foi o Grande Escocês de Santo André e o Kadosch (antigo 24° do Rito de Perfeição e 28° do de Charleston) tornou-se definitivamente o 30° grau.

O 31° grau tornou-se o Grande Inspetor; o Príncipe Adepto constituiu o 32° e o Soberano Grande Inspetor Geral o 33°, o último grau do sistema escocês. Enfim, um grau Noachita, o 21° substituiu em todos os lugares o Grão-Mestre da Chave do Rito de Perfeição.

QUADRO DAS CORRESPONDÊNCIAS DOS GRAUS MAÇÔNICOS

	(Rito de Perfeição)	(Supremo Conselho de Charleston)	(Convento de Lausanne - Suíça)
1° Aprendiz			
2° Companheiro	“	“	“
3° Mestre	“	“	“

4º Mestre	Mestre Secreto	“	“
5º “	Mestre Perfeito	“	“
6º “	Secretário Íntimo	“	“
7º “	Preboste ⁴⁶ e Juiz	“	“
8º “	Independente dos Edifícios	“	“
9º “	Eleito dos Nove	“	“
10º “	Eleito dos Quinze	“	“
11º “	Ilustre Eleito	“	“
12º (Ramsay)	Grão-Mestre Arquiteto	“	“
13º +Escocês	Arco Real	“	“
14º +Noviço	Grande Eleito, Antigo	“	“
15º “	Cavaleiro da Espada	Cavaleiro do Oriente	“
16º “	Príncipe de Jerusalém	“	“
17º “	Cavaleiro do Oriente e do Ocidente	“	Cavaleiro do Oriente
18º “	Cavaleiro Rosa-Cruz	“	“
19º “	Grande Pontífice	“	“
20º “	Grande Patriarca	Grão-Mestre de todas as lojas	Ven.: Grão-Mestre das lojas
21º “	Grão-Mestre da chave	Patriarca Noachita	Noachita
22º “	Príncipe do Líbano	Real Machado ou Príncipe do Líbano	Cavaleiro do Real Machado
23º “	“	Chefe do Tabernáculo	Chefe d.Tabernáculo
24º “	“	Príncipe da Misericórdia	Príncipe do Tabern.
25º “	“	Cavaleiro da Serpente de Bronze	Cavaleiro da Serpente de Bronze
26º “	“	Comendador do Templo	Escocês Trinitário
27º “	“	Cavaleiro do Sol	Grande Comendador do Templo
28º “	Príncipe Adepto (23º)	Kadosch	Cavaleiro do Sol
29º “	“	“	Grande Escocês de Santo André
30º +Cavaleiro do Templo	Cavaleiro Comendador da Água Branca e Preta (24º)	Príncipe do Segredo Real	Kadosch
31º “	“	Soberano Grande Inspetor Geral	Grande Inspetor
32º “	Soberano Príncipe da Maçonaria, Sublime Comendador do Segredo Real (25º)	“	Sublime Príncipe do Segredo Real
33º “	“	“	Soberano Grande Inspetor Geral

6. DOS SÍMBOLOS E DE SUA TRADUÇÃO

Uma palavra relativa à tradução dos símbolos, em todas as suas adaptações, torna-se necessária. Um símbolo é uma imagem material de um princípio ao qual se liga por analogia. O símbolo exprime toda escala analógica das correspondências de sua classe, das mais elevadas às mais inferiores. É assim que um rude sectário poderá dizer que uma bandeira não passa de um pano colorido, carnavalesco neste caso, materializa e avilta a idéia tão bela e pura da representação simbólica da pátria. Esse procedimento de difamação, que consiste em atribuir aos símbolos correspondências

⁴⁶ Magistrado militar antigo. (N.T.)

analógicas triviais, é usado com satisfação pelos escritores clericais ao analisarem os símbolos maçônicos.

O princípio criador ativo e o princípio gerador passivo, simbolizados na Igreja Católica pela ação do Pai e do Filho, têm como correspondência sexual inferior o *phallus* e o *Cteis*. Dessa maneira, os clérigos não deixam de relatar a seus leitores que todo simbolismo maçônico, ou toda tradição iniciática dos Iluminados, resume-se na representação desses órgãos. Trata-se de ignorância ou má fé; em todo caso, a melhor solução é ignorar tais procedimentos. O que diriam os clérigos, se fizéssemos o mesmo, afirmando-lhes que o hissope⁴⁷ é uma imagem do *phallus* fecundador e que a água benta representa a emissão da substância geradora; a mesma coisa poder-se-ia dizer do bastão utilizado pelos bispos, enquanto os cálices usados nas igrejas representam *cteis*! O que diriam os homens instruídos acerca dessas analogias grosseiras e inadequadas? Diriam que seria dar provas de um singular estado de espírito bem vizinho da caduquice. Assim, nos parece necessário lembrar os escritores católicos da necessidade de estudarem um pouco mais aquilo que se entende por correspondência analógicas e de não considerarem os símbolos, mesmo maçônicos, sob esse aspecto grosseiro; pois podem ouvir as mesmas críticas, fato incorreto, tanto de um lado como de outro.

Apresentaremos algumas referências acerca do simbolismo das cores, empregado nas tapeçarias; em seguida, falaremos da palavra sagrada, que tomamos emprestado a Aulnaye.

O branco é consagrado à Divindade; o preto, a Hiram e ao Cristo;⁴⁸ o preto também se encontra nos graus de *Mestre*, *Eleito*, *Kadosch* e *Rosa-Cruz*. O verde, emblema da *Vida* e da *Esperança* é a cor de *Zorobabel*; eis por que esta é a cor do *Mestre Perfeito* e do *Cavaleiro do Oriente*. O vermelho pertence a Moisés, mas mais a Abraão; por esse motivo, é a cor especial do Escocês. Finalmente, o azul, símbolo da morada celeste, é a cor do *Sublime Escocês*; relaciona-se, entre os Patriarcas, com *Adão*, criado na inocência e à imagem de Deus, habitando o Jardim do Éden.⁴⁹

Como Símbolo da *Palavra Primitiva*, Jeovah pertence especialmente ao antigo Mestre ou *Mestre Perfeito*; como a *Palavra Reencontrada*, pertence ao verdadeiro Escocês, consagrador do sacerdote de Jehovah, ou da Antiga Lei, por oposição à nova. Encontra-se particularmente no Machado Real, no Escocês de Perfeição, no Mestre *ad Vitam*, o Perfeito Eleito, o Eleito Supremo, os Escoceses da Prússia, de Montpellier, do Interior do Templo, etc.⁵⁰

7. GRITO DE ALARME

Foi após ter havido um erro capital que a Franco-Maçonaria francesa atraída em sua ignorância pelos agentes estrangeiros, deixou-se levar pelos combates políticos; foi mostrado à Franco-Maçonaria o espectro do clericalismo, como se mostra a capa vermelha ao touro; foram exaltadas as tendências materialistas de seus membros, sob pretexto de fazerem “espíritos livres” e “homens de razão”. Assim, do anticlericalismo ao ateísmo não havia mais senão um passo, cuja distância foi eliminada pelos ingênuos. De que servia falar do “Grande Arquiteto do Universo” que deveria ser ainda algum produto “da Ignorância e da Superstição”. De que serviam todos os símbolos, “vãs recordações de uma época de escravidão e obscurantismo”? Dessa forma, devido à existência de

⁴⁷ Utensílio utilizado nas igrejas, para espalhar a água benta. (N.T.)

⁴⁸ Em nosso entendimento, o preto indica particularmente a passagem de um plano a outro, representando a morte, seguindo-se da ressurreição. É por essa razão que essa cor é consagrada ao Cristo e ao simbólico Hiram. Os Leitores que desejarem estudar seriamente o Simbolismo, são convidados a tomar conhecimento do excelente trabalho de Emile Soldi-Colbert de Beaulieu sobre *A Língua Sagrada*. É um dos raros autores contemporâneos que tem visto claro dentro do caos constituído pelo Simbolismo.

⁴⁹ Thuilleur, p. 73 (nota de rodapé).

⁵⁰ Thuilleur, p. 89 (nota de rodapé).

todo esse materialismo e “racionalismo”, o Grande Arquiteto do Universo foi abolido das pranchas e dos diplomas; os símbolos foram reduzidos à inteligência dos bêbados de bares, encarregados de explicá-los.

O plano do estrangeiro era assim realizado. Esses “homens livres”, esses “seres de razão brilhante e esclarecida”, foram apresentados ao resto do mundo como pessoas pérfidas e homens suficientemente vis por desprezarem o *Grande Arquiteto*. Em seguida, em todas as lojas do Universo, a palavra de ordem passou como relâmpago e as portas foram fechadas imediatamente, sob o nariz dos “livres pensadores franceses”, indignados por encontrarem em todo lugar “maçons ainda ligados aos erros do passado”.

Os espertalhões franceses deixaram-se levar como crianças. Suas relações com as lojas maçônicas do resto do Universo foram cortadas, em sua grande maioria. Entretanto, restava eliminar definitivamente todos os liames, lançando o que restava do Rito Escocês na senda. Advinda a fuga dos caixas, arruinou inteiramente o Supremo Conselho Escocês, que colocou suas lojas sob a tutela da “Grande Loja Simbólica Escocesa”, o produto da revolta, constituindo assim a *Grande Loja da França*. Esta, dirigida sempre em segredo pelas intrigas, apressou-se em abolir o nome do Grande Arquiteto, menção que ligava ainda alguns franceses ao estrangeiro.

Nada mais restou, senão alguns capítulos escoceses e raros areópagos, capazes de manter o elo com a Maçonaria Universal. Entretanto, há quem trabalhe arduamente para desfazer este último liame. Mas o Invisível vigia. Foram os Iluminados que criaram a Maçonaria e que escolheram a França como centro superior no Visível, como é no Invisível; serão também eles que salvarão ainda uma vez mais os cegos e os surdos.

Que os membros do Supremo Conselho Escocês, ao lerem estas linhas, possam refletir um pouco e sair um momento da atmosfera estreita das querelas de pessoas e das questões de dinheiro. A salvação da obra paciente se seus antepassados está em suas mãos; nosso papel deve limitar-se no lançamento do grito de alarme. Ademais, sabem disso e nada temos a lhes ensinar a esse respeito. Podemos ter plena e inteira confiança em sua clarividência e patriotismo.

CONCLUSÃO

Em resumo, os diversos representantes contemporâneos do Iluminismo, do qual a Ordem Martinista forma o ramo francês e cristão, deparam-se com os seguintes centros:

1º - Os centros clericais, que consideram os Martinistas como Franco-Maçons e perigosos satanistas. Esforços inusitados foram feitos no sentido de esclarecer os clérigos, como outros grupos, do caráter real do Martinismo. Esses esforços serviram para produzir ainda mais injúrias contra aqueles que, semelhantes a exploradores, lançaram-se nos centros clericais para tentar esclarecê-los sobre as mistificações de que foram vítimas e de que serão novamente.

2º - Os ritos Franco-Maçons divididos em três grupos:

A - Os materialistas ateus do *Grande Oriente da França*, exilados do resto do Universo e que irão desaparecer por ocasião da próxima revolução. Fora da França, o Grande Oriente não tem nenhuma força e seus oficiais foram colocados na rua, como criados, por quase todas as lojas estrangeiras.

B - Os doze membros parisienses do *Rito de Misraim*, desvitalizado e que destina-se a desaparecer em pouco tempo, se não se reestruturar ou se não se fundar com algum outro rito. Fora de Paris, o Rito de Misraim praticamente não existe; em Paris, sua presença é igualmente sem expressão.

C - O Rito *Escocês* que acabamos de justificar a filiação e os graus, o único capaz de salvar a tradição maçônica, se os chefes continuarem a manter a energia necessária. Entretanto, aniquilado por problemas de dinheiro, esse rito não pode dar à sua propaganda todos os esforços necessários.

Diante desses diversos grupos, o Martinismo manifesta suas tendências absolutamente independentes, sempre pronto a dar seu apoio a todos os que quiserem salvar ou reatar sua tradição. Veremos que esse apoio não é de se desdenhar.

Os Iluminados conquistaram, por sua coesão, um tal lugar ao Sol, que podem, se Deus permitir que continuem em sua marcha ascendente, reconstituir os estudos simbólicos uma vez abandonados na França, ou dar seu apoio aos poderes regulares que quiserem reconstituir esses estudos.

Como se resume atualmente a potência efetiva da Ordem Martinista? Em primeiro lugar, por suas revistas, traduzidas em quase todas as línguas. Na França, possuímos uma edição mensal de cem páginas, uma edição semanal de oito páginas, formato in-4°, e um caso de necessidade. Em segundo lugar, pelos Delegados em todos os países da Europa e da América, pelos iniciadores Livres e pelas lojas espalhadas em todo o mundo. Em terceiro lugar, pelas alianças com todos os centros de Iluminismo e de idealismo, realizadas ou em fase de execução. Finalmente, pelo desprezo ao dinheiro, pelo voto de pobreza, que permitiu à Ordem resistir a muitas tormentas.

Não existe nenhum outro rito, na França, que possa justificar tal raio de ação e que possua veículos tão potentes de propaganda. Não existe nenhuma organização capaz de agir sem intermediários nos demais países. Tudo isso foi construído à luz do dia, sem juramentos, nem sociedades secretas, através de seus jornais e autores. Tão séria é a organização Martinista que não se ocupa de política nem de religião, tanto na França como no exterior, uma vez que seus estatutos proíbem terminantemente essas atividades.

Essa organização pode expandir-se ainda mais ou cair na sombra e no silêncio de uma hora a outra, se esse for o desejo do Invisível. Esta é uma característica das Ordens de Iluminados. Se a primeira hipótese prevalecer, se a marcha ascendente da Ordem continuar, após ter conquistado todos os recantos da Europa, é de se esperar a chegada de polêmicas e de ataques ainda mais violentos, de calúnias ainda de maior dimensão, de esforços ainda mais diretos visando as pessoas. Mas o que importa! Apoiamo-nos apenas na resistência. Cada calúnia representa uma vitória posterior. Acusados de ser demônios por uns, clérigos por outros, magos negros ou alienados pela multidão, permaneceremos simplesmente Cavaleiros ferventes do Cristo, inimigos da violência e da vingança; sinarquistas convictos, opostos a toda anarquia de cima ou de baixo, em uma palavra: permaneceremos Martinistas como foram nossos gloriosos antepassados, Martinez de Pasqually, Louis Claude de Saint-Martin e Jean Baptiste Willermoz.

FIM



Sociedade das Ciências Antigas